

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS E SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,  
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

**LAURA SÁNCHEZ PEREIRA**

**NÍSIA FLORESTA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MULHER  
INTELECTUAL OITOCENTISTA**

**FOZ DO IGUAÇU – PR –  
2017**

LAURA SÁNCHEZ PEREIRA

**NÍSIA FLORESTA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MULHER INTELLECTUAL  
OITOCENTISTA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível Mestrado. Área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Fábio Lopes Alves.

FOZ DO IGUAÇU – PR –  
2017





Catálogo na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE

P436 Pereira, Laura Sanchez  
Nisia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista / Laura Sanchez Pereira. - Foz do Iguaçu, 2017.  
103 f., il.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Lopes Alves  
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Floresta, Nisia, 1810-1885 – Biografia. 2. Educação – História.  
3. Feminismo. 4. Mulheres intelectuais – Brasil – História – Sec. XIX.  
I. Título.

CDU 929Floresta  
316.344.32

LAURA SÁNCHEZ PEREIRA

**NÍSIA FLORESTA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MULHER INTELLECTUAL  
OITOCENTISTA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Lopes Alves  
Orientador

---

Prof. Dr. Samuel Klauck - UNIOESTE

---

Prof. Dr. Eduardo Portanova Barros - UNISINOS

---

Prof. Dr. Ivo José Dittrich - UNIOESTE  
Suplente

Foz do Iguaçu, 19 de janeiro de 2017



Dedico este trabalho a todas as mulheres que valorizam e cultivam independentemente da sua idade e condição social sua intelectualidade e a manifestação pacífica das suas próprias ideias.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao admirado, *Sandro Battistella*, pelo amor e carinho incondicional dedicado a mim nestes anos de estudo.

Às mulheres da minha família, especialmente a “mamã”, *Mari Carmen Pereira*, admirada e respeitada, à estudiosa tia, *Laura Ruspira*, e as minhas amadas irmãs, *Norma, Tania e Helga Sanchez Pereira*, exemplos de sobrevivência e fortaleza.

Agradeço à querida amiga nordestina, *Rute Pinheiro*, grande conhecedora do universo nisiano pela visita à cidade de Nísia Floresta, pelas suas contribuições para a pesquisa e revisões do texto e a *Gregorio Pinheiro*, pelo acolhimento e a rica e detalhada reportagem fotográfica durante a mesma viagem;

Sou especialmente grata às autoras *Diva Cunha* e *Constância Lima Duarte* pelas suas dicas nesta pesquisa e pela sua disponibilidade carinhosa para comigo;

Agradeço imensamente ao orientador desse trabalho, *Fábio Lopes Alves* pelo norteamento da execução do projeto, pelas preciosas leituras solicitadas e pela confiança e liberdade que depositou em mim desde o início. Gostaria de agregar que o professor Fábio é um exemplo de ética acadêmica;

Aos amigos de graduação e mestrado, *Raiza Brustolin*, pela transcrição da entrevista no museu, e *José Luiz da Silva Acosta* pela detalhada revisão ortográfica do texto;

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pela oportunidade de aprendizado e meus sinceros agradecimentos aos professores e colegas de mestrado, assim como às competentes e diligentes assistentes do programa, *Vania Valle* e *Fátima Ruiz de Oliva* pelo seu acolhimento e direcionamento;

Sou grata aos professores que formaram a banca examinadora dessa pesquisa, *Fábio Lopes Alves*, *Eduardo Portanova Barros*, *Ivo Dittrich* e *Samuel Klauck*, pela sua disponibilidade em analisar o texto e pelas valiosas críticas expostas na ocasião de defesa das ideias aqui contidas;

Agradeço à, *Micherlândia Souza*, pela disponibilidade e acolhimento fraterno no dia da nossa visita ao *Museu* e ao competente repórter nordestino, *Ramon Ribeiro* do jornal *Tribuna do Norte* pela entrevista que me realizou e que foi publicada no sábado dia 24 de setembro de 2016 “Nísia, uma questão de memória”;

E, por fim, agradeço à *Capes* pelo auxílio financeiro e o conseqüente apoio ao desenvolvimento da pesquisa que aqui apresento.

SÁNCHEZ, Laura Pereira. NÍSIA Floresta: Memória e História da mulher intelectual oitocentista. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2017.

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo problematizar a realidade feminina no século XIX, a partir da vida e da obra da educadora Nísia Floresta (1810–1885), considerada, pelos estudos de gênero, uma das primeiras feministas brasileiras. Desse modo, o prisma desta pesquisa incide sobre a mulher oitocentista versus uma sociedade de alicerces profundamente patriarcais que a impediam de revelar-se como pessoa com livre arbítrio e, de uma forma mais específica, o trabalho aprofunda essa questão do ponto de vista de uma mulher que almejava manifestar sua intelectualidade. Por isso, a História Intelectual tem sido a opção teórica escolhida ao vislumbre da história do século XIX, através das letras e do estudo de vida da escritora e educadora brasileira Nísia Floresta. No decurso do estudo dos textos nisianos, encontram-se evidências históricas que nos permitem uma análise sobre a condição da mulher do século XIX, especificamente da mulher intelectual. Assim sendo, esta pesquisa está permeada de considerações sobre o passado e pode ainda levar ao leitor a refletir sobre até que ponto esse passado ainda infere no nosso presente.

**Palavras chave:** Nísia Floresta, Memória, Mulher Intelectual.

SÁNCHEZ, Laura Pereira. NÍSIA Floresta: Memory and History of the 19th century intellectual woman. 2017. 110 f. Dissertation (Master in Society, Culture and Borders) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2017.

### **ABSTRACT**

The present dissertation aims to problematize the female reality in the nineteenth century, from the life and work of the educator Nísia Floresta (1810-1885), who is considered, by the gender studies, one of the first Brazilian feminists. Thus, the prism of this research focuses on the nineteenth century woman versus a society of deeply patriarchal foundations that prevented her from revealing herself as a person with free will and, in a more specific way, this work deepens this question from the point of view of a woman who longed to manifest her intellectuality. Therefore, Intellectual History has been the theoretical choice chosen at the glimpse of nineteenth-century history, through the letters and life study of the Brazilian writer and educator Nísia Floresta. In the course of the study of the Nisian texts, we find historical evidence that allows us to analyze the condition of nineteenth-century women, specifically the intellectual woman. Thus, this research is permeated by considerations about the past and may still lead the reader to reflect on the extent to which this past still infers in our present.

**Keywords:** Nísia Floresta, Memory, Intellectual Woman.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1.</b> Fachada do Colégio Augusto .....   | 54 |
| <b>Figura 2.</b> Jornal Espelho das Brasileiras nº 29, 1831 .....                             | 66 |
| <b>Figura 3.</b> Lista das alunas do Colégio Augusto .....                                    | 70 |
| <b>Figura 4.</b> Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta .....                  | 71 |
| <b>Figura 5.</b> Capa do livro <i>A lágrima de um caeté</i> , 1849 .....                      | 72 |
| <b>Figura 6.</b> Capa do livro <i>Itinéraire d'un Voyage en Allemagne</i> , 1857. ....        | 77 |
| <b>Figura 7.</b> Nísia em 1875, quando retorna para a Europa .....                            | 80 |
| <b>Figura 8.</b> Bonsecours, onde a escritora falece em 1885 .....                            | 82 |
| <b>Figuras 9 e 10.</b> Frente e lateral do Museu de Nísia Floresta .....                      | 85 |
| <b>Figuras 11 e 12.</b> Entrada ao chamado circuito: Útero das mulheres .....                 | 86 |
| <b>Figuras 13 e 14.</b> Útero das mulheres e Sala de leitura. ....                            | 86 |
| <b>Figuras 15 e 16.</b> Biblioteca do Museu Nísia Floresta e Entrevista realizada. ....       | 86 |
| <b>Figuras 17 e 18.</b> Obras e documentos referentes a Nísia Floresta .....                  | 87 |
| <b>Figuras 19 e 20.</b> Lateral e frente do túmulo de Nísia Floresta.....                     | 87 |
| <b>Figura 21.</b> Túmulo de Nísia Floresta mostra plantas descuidadas. ....                   | 87 |
| <b>Figura 22.</b> Recebimento da funcionária do museu de Nísia Floresta. ....                 | 89 |
| <b>Figura 23.</b> Cartaz produzido no Rio de Janeiro pelo artista Rubens. ....                | 89 |
| <b>Figura 24.</b> Testemunha da chegada dos restos de Nísia Floresta desde França. ....       | 90 |
| <b>Figura 25.</b> Lâmpadas quebradas no túmulo da escritora potiguar e falta de pintura. .... | 91 |
| <b>Figura 26.</b> Entrevista realizada pelo Jornal “Tribuna do Norte” sobre nossa Visita .... | 92 |

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....  | 11  |
| INTRODUÇÃO .....  | 15  |
| Narrativa autobiográfica .....  | 18  |
| 1. HISTÓRIA INTELCTUAL DA MULHER .....                                  | 25  |
| 1.1. Diálogo historiográfico: <i>A Nova História</i> .....              | 25  |
| 1.2. Ser Intelectual .....  | 29  |
| 1.3. Espaços de memória e invisibilidade histórica das mulheres.....    | 31  |
| 1.4. Autoria feminina no século XIX.....                                | 34  |
| 2. CONTEXTO HISTÓRICO DA MULHER OITOCENTISTA .....                      | 42  |
| 2.1. Realidade socioeconômica e política brasileira do Século XIX ..... | 42  |
| 2.2. A condição feminina oitocentista.....                              | 46  |
| 2.3. A mulher no âmbito doméstico .....                                 | 49  |
| 2.4. A mulher na vida Pública.....                                      | 52  |
| 2.5. História da educação feminina oitocentista.....                    | 53  |
| 3. BIOGRAFIA E FACES DE NÍSIA FLORESTA.....                             | 60  |
| 3.1. Reflexões sobre a escrita biográfica .....                         | 60  |
| 3.2. Nísia Floresta: aspectos iniciais.....                             | 62  |
| 3.3. O que é uma mulher? .....  | 65  |
| 3.4. Nísia educadora.....   | 68  |
| 3.5. Nísia indianista e abolicionista.....                              | 71  |
| 4. O SILÊNCIO EM TORNO À MEMÓRIA DE NÍSIA FLORESTA .....                | 83  |
| 4.1. Memória e esquecimento .....                                       | 83  |
| 4.2. Visita a Nísia Floresta.....                                       | 85  |
| 4.3. Entrevista à funcionária do Museu Nísia Floresta.....              | 92  |
| CONCLUSÕES .....  | 100 |
| REFERÊNCIAS .....   | 102 |
| ANEXO .....   | 107 |
| ANEXO 1 Bibliografia das obras de Nísia Floresta .....                  | 108 |

## INTRODUÇÃO

*Sentimos vivo prazer em anunciar a chegada da Sra. D. Nísia Floresta Brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de nossa admiração por sua dedicada constância ao amor e ao engrandecimento de sua pátria.*  
– Joana Paula Manso de Noronha, 1852<sup>1</sup>

A presente dissertação tem por objetivo problematizar a suposta realidade feminina no século XIX, a partir da vida e da obra da educadora Nísia Floresta, considerada, pelos estudos de gênero, uma das primeiras feministas brasileiras (DUARTE, 2005). Desse modo, o prisma desta pesquisa incide sobre a mulher oitocentista versus uma sociedade de alicerces profundamente patriarcais que a impediam de revelar-se como pessoa com livre arbítrio e, de uma forma mais específica, o trabalho aprofunda essa questão do ponto de vista de uma mulher que almejava manifestar sua intelectualidade. Por isso, a História Intelectual tem sido a opção teórica escolhida ao vislumbre da história do século XIX, através das letras e do estudo de vida da escritora e educadora brasileira Nísia Floresta (1810–1885).

A escritora escreveu vários artigos e obras na sua vida e no capítulo dois da sua primeira obra, publicada no ano 1832, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia, que contava só com 22 anos, inicia um ousado diálogo para a época, questionando se as mulheres eram inferiores ou não aos homens quanto ao entendimento. Para isso, a autora utilizou exemplos e argumentos contundentes e lógicos para fazer uma severa crítica ao patriarcalismo do seu tempo. “Confiam-se as donzelas ao cuidado de uma mãe de família e elas ficam logo senhoras de uma casa, em idade em que os homens apenas se acham em estado de ouvir os preceitos de um mestre” (FLORESTA, 1989b, p. 46).

Nísia aborda a privação dos homens sobre a mulher receber educação com firmeza neste trecho:

Não pode ser, portanto, senão uma inveja baixa e indigna, que os induz a privar-nos das vantagens a que temos de um direito tão natural, como eles. O pretexto que eles alegam é que o estudo e as ciências nos tornariam altivas e viciosas; mas este pretexto é tão

---

<sup>1</sup> Jornal das Senhoras, 22 de fevereiro de 1852.

desprezível e extravagante e bem digno do seu modo de obrar (FLORESTA, 1989b, p. 49).

No decurso do estudo dos textos nisianos, encontram-se evidências históricas que nos permitem uma análise sobre a condição da mulher do século XIX, especificamente da mulher intelectual. Assim sendo, esta pesquisa está permeada de considerações sobre o passado e pode ainda levar ao leitor a refletir sobre até que ponto esse passado ainda infere no nosso presente.

O trabalho foi realizado a partir da recopilação documental de obras da própria autora Nísia Floresta (1855, 1989a, 1989b, 1998, 2001), bem como de bibliografia de autores clássicos em pesquisas de gênero, a exemplo de Constância Lima Duarte (1995, 2000, 2005, 2008, 2015); Mary Del Priore (2011, 2014); Michelle Perrot (2005, 2006, 2015); entre outras.

Nas pesquisas sobre o contexto histórico do século XIX, trabalhou-se, sobretudo, com Sérgio Buarque de Holanda (1995); Gilberto Freire (1957) e Boris Fausto (1995). E no estudo historiográfico, são trazidos os autores Pierre Nora (1993); Jacques Le Goff (2003) e Peter Burke (1997, 2005) principalmente.

No decorrer desta pesquisa, percebeu-se o potencial e a riqueza intelectual que algumas mulheres oitocentistas possuíam, porém uma intelectualidade velada, que elas mesmas escondiam nos seus quartos mais íntimos supostamente por causa da invisibilidade e do obscurantismo a que eram submetidas na época pela figura masculina. Daí o destaque da personalidade de Nísia, que longe de esconder sua inteligência, manifestava aos quatro ventos em prol das suas contemporâneas.

No trabalho, empregou-se o método historiográfico, que se destaca por consistir em aplicar, como a própria ciência historiográfica indica, a narração e o registro do passado. Procura-se desenvolver na metodologia uma acertada consciência historiográfica desde o primeiro capítulo, mas sendo pesquisadores interdisciplinares, não são deixadas de lado outras abordagens de outros campos do saber.

Barros (2013) faz um apontamento acerca da consciência histórica assimilado nessa pesquisa:

A consciência histórica que se mostra tão necessária não apenas para os historiadores em formação, mas também aos próprios leitores de livros de história, é inseparável de uma adequada reflexão sobre o tipo de conhecimento que se produz com a História, sobre as relações possíveis desse conhecimento com alguma base concreta de realidade,

sobre as singularidades da História como um “campo disciplinar” muito específico que se situa ou se desloca no quadro geral das outras formas de conhecimento e que com elas trava disputas e diálogos interdisciplinares (BARROS, 2013 p. 11).

Como entender, portanto, a história sem reconhecer sua complexidade, limitações e interconexões com outras disciplinas, como a Sociologia, a Política a Economia ou a própria Literatura?

Em razão disso, este trabalho inseriu uma abordagem interdisciplinar, uma vez que sentimos ao longo dele a necessidade de repensar os vários aspectos do discurso narrativo, seja em relação à própria escrita histórica, seja acerca da utilização de textos literários como fonte de pesquisa.

Não é o propósito de esta investigação realizar um estudo exclusivamente baseado nas obras nísianas e contemporâneas, mas sim, principalmente, analisar o contexto histórico oitocentista com e, a partir, de Nísia Floresta.

Desta forma, tem-se por um lado, alguns textos literários que poderão vir a afirmar o contexto histórico oitocentista e o próprio método histórico aplicado e revelando a realidade no tempo real vivido pelas protagonistas.

Vale ressaltar que além desse levantamento bibliográfico, foi organizada uma visita cultural ao sítio de Nísia Floresta em Natal, do dia 15 ao dia 23 de setembro de 2016, com o intuito de coletar mais informações.

A biografia de Nísia Floresta indica, mais uma vez, como a escrita e o exemplo de vida de uma só pessoa pode marcar um antes e um depois na história de um povo, não porque fosse uma pessoa importante ou reconhecida no seu tempo, mas porque com sua escrita e testemunho incumbiam valores, mudanças e esperanças na sociedade em que vivia. Nesse caso, Nísia o fazia lutando contra a subjugação do gênero feminino e dos mais desfavorecidos.

Séculos depois, a figura desta brasileira foi considerada por alguns estudiosos, como Adauto Câmara (1947), Barbosa (2006), Duarte (1995; 2010, 2005) como sendo a primeira feminista do Brasil, uma vez que ela nunca aceitou o que à sua época ofereciam-se para as mulheres, lutou sem tréguas pela equidade de gênero, sobretudo, no que se referiu ao acesso a uma educação que não anulasse a capacidade intelectual feminina.

Esta pesquisa tem sua relevância à medida que ressalta o caráter biográfico e o contexto histórico que viveu uma personalidade pouco comum para aquela época,

pioneira e praticamente desconhecida no Brasil. Destaca-se também devido à importância que tem, hoje em dia, o resgate histórico das memórias e identidades, neste caso, a identidade da mulher brasileira oitocentista e o seu contexto intelectual.

E, principalmente, justifica-se pela carência de estudos sobre Nísia Floresta, pois levando em consideração que a História sempre privilegiou ressaltar os acontecimentos e os eventos públicos, as mulheres, estando destinadas a espaços privados, ou seja, ao lar, nunca tiveram seu espaço na História, pelo que suas memórias ficaram apagadas. Esta dissertação é, portanto, uma tentativa de fazer um levantamento historiográfico de uma personalidade *sui generis* em seu tempo e não reconhecida quanto ao seu próprio mérito durante muitos anos. Ao mesmo tempo convida à reflexão sobre o longo caminho que a mulher teve que percorrer para poder demonstrar sua intelectualidade e ter acesso à educação. Será analisada a figura de Nísia Floresta sob o viés da História Intelectual que até agora não foi abordado nas suas pesquisas.

### **Narrativa autobiográfica**

Muitas das questões levantadas por Nísia na sua época são neste século XXI assuntos ainda atuais que suscitam debates, reflexões individuais e coletivas. Por esse motivo é pertinente que pesquisas como estas, de índole histórica, ofereçam a possibilidade de adentrar no universo da memória de um país como o Brasil e de uma personalidade ímpar como foi Nísia Floresta.

Não foi uma só, a motivação pessoal que me incentivou a estudar História Intelectual da mulher no século XIX através de Nísia Floresta, e sim, várias. No meu percurso de vida há fatos que mostram como a escolha da temática tem a ver com a minha própria história.

A primeira pesquisa mais aprofundada que realizei na minha vida foi sobre o intelectual espanhol Vincencio Juan de Lastanosa (1607–1681). Este estudo sobre o intelectual setecentista Lastanosa estava relacionado com Memória, História e o processo da intelectualidade, e eu sempre mostrei grande interesse em estudar contextos históricos relacionados à vida de intelectuais.

E neste caso, sendo eu mesma de nacionalidade espanhola, a minha ligação com o personagem e o contexto histórico estudado fazia ainda minha conexão com a

temática mais intensa. Esse interesse no estudo de personalidades intelectuais já vem desde a minha adolescência e quiçá até de antes.

Eu nasci em Barcelona, na Espanha em plena ditadura, mas já caminhando para um período de mudanças e reivindicações onde o povo reclamava pela liberdade de expressão e pela democracia, após essa longa ditadura franquista. A maioria dos colégios ainda não era mista e separavam meninas de meninos em uma educação escolar religiosa que foi obrigatória até o ano 1980. E essa foi a escola que me tocou frequentar na infância e adolescência, ao meu modo de pensar e sentir, separatista e sufocante.

E agora depois de ter adentrado nos estudos oitocentistas através do universo da educadora Nísia Floresta, surgem reflexões de como deve ter sido difícil para uma mulher do seu tempo não só lutar pelo direito à educação das mulheres assim como também criar, inaugurar, dirigir do modo que ela fez com o Colégio no Rio de Janeiro destinado a meninas onde teriam acesso a disciplinas igual aos seus contemporâneos homens.

O que essa mulher não enfrentou? E nós mulheres hoje, do século XXI o que ainda não enfrentamos nesta sociedade quando se trata de provar nossa valia intelectual?

Essa separação de gêneros me causava na época de menina inquietação, pois no meu entendimento de menina os conteúdos a ser estudados deveriam ser os mesmos, independente do gênero. Questionava-me intimamente, qual seria, pois o motivo para não estarem todos juntos na mesma sala de aula com os mesmos professores?

Mais tarde, descobre-se que era para evitar possíveis relacionamentos ou “roces pecaminosos” entre gêneros e porque para as meninas estavam destinados discursos ético-religiosos de outra índole que faziam ênfase no papel da mulher na sociedade como sendo mãe exemplar de família, obediente ao marido e educadora na fé cristã dos filhos, discurso, aliás, muito similar ao da época nissiana com séculos de diferença.

Eu não me sentia confortável com aquelas aulas, porque já desde aquela idade não desejava nem me casar, ainda menos de branco, nem ter filhos e mesmo que minha família fosse católica, não era praticante. Minha mãe, já no ano de 1967, tinha se casado pela igreja de vestido branco, porém curto – minissaia –, todo um escândalo na época e meu pai tinha uma profissão chamada então de “liberal” que consistia em fazer fotografias e reportagens para o mundo artístico, o que incluía retratar mulheres sem

roupa na década de 70. As fotografias eram feitas no seu estúdio, que estava localizado num espaçoso quarto adaptado na nossa própria casa familiar.

Desses assuntos eu não podia falar na escola, mas lembro de uma vez que comentei com umas colegas mais íntimas de sala algumas das minhas ideias e dos hábitos da minha família e meus pais foram chamados na direção e ameaçados de nos expulsar da escola. Apesar dos meus pais serem personalidades de ideias avançadas, modernas para sua época e grandes leitores, meu ambiente familiar emocionalmente não favorecia ao estudo. Em consequência, não consegui terminar o EGB, equivalente ao ensino médio no Brasil, repetindo o 3º e 6º curso e saindo da escola no 7º de EGB.

Meus pais separaram-se quando eu tinha 11 anos e, sendo a filha mais velha, fiquei cuidando da casa e das minhas três irmãs menores com apenas 13 anos de idade.

No século XIX, as mulheres casavam com essa idade, a exemplo de Nísia que casou com 13 anos, mas eu mulher nascida no século XX, questiono se eu fosse nascido homem teria ficado em casa cuidando das minhas irmãs ou teria continuado na escola?

Esse acontecimento marcou minha autoestima intelectual que ficou diminuída, mas nunca abandonei a ideia e o sonho de um dia retomar os meus estudos e escrever um livro.

Eu gostava de matérias como História, e todas as disciplinas que tinham relação com expressão escrita. Com 14 ou 15 anos retomei minha escolarização em uma escola de adultos com o chamado “Graduado escolar” e participei de um concurso de redação. Não esquecerei da minha felicidade e emoção quando o professor em sala de aula apontou à originalidade de minha escrita e enfatizou que eu nunca poderia deixar de escrever na minha vida. Foi este quiçá, o único momento de autoestima intelectual que vivenciei na minha trajetória escolar. Porém, não consegui passar por todas as matérias e abandonei desanimada novamente.

Quando a tarde caía e já tinha realizado minhas tarefas domésticas, sentava-me à mesa da cozinha acendia uma luz tênue, com o intuito de imitar a luz de uma vela, pois adorava recriar cenários oitocentistas e começava a escrever o que imaginava ser uma grande obra. Desejava ser uma grande escritora que dedicava sua vida à escrita.

A vida foi passando e morei em várias cidades da Espanha e depois em vários países aprendendo várias línguas e sempre escrevendo e estudando de forma autodidata, mas sem voltar às aulas formais, por medo a um novo fracasso, mas paradoxalmente

nesse meio tempo publiquei vários artigos em revistas científicas internacionais de forma independente sobre assuntos do meu interesse.

Meu gosto pelo estudo da História crescia e interessava-me especialmente a relação do gênero feminino com a intelectualidade. Saber como as mulheres apesar das pressões próprias da sua época conseguiram estudar e manifestar por meio da escrita suas ideias. Estudei várias intelectuais espanholas desse século e quis conhecer com detalhes de que forma se dava a participação das mulheres intelectuais do século XIX nos assuntos da vida e quais eram seus hábitos diários.

E foi assim, a partir do estudo de mulheres intelectuais espanholas do século XIX, que cheguei até a personalidade da escritora e educadora nordestina Nísia Floresta Brasileira Augusta (1801–1885), um exemplo de empenho e determinação intelectual. Deparei-me pela primeira vez com sua figura quando decidi preparar meu pré-projeto de mestrado (2014).

Procurava um assunto que me incentivasse que tivesse a ver com História, Memória e Intelectualidade. Biografias e contextos históricos sempre me motivaram e ainda mais quando eram de personalidades que se destacaram pela sua coragem frente a uma sociedade, uma época, pessoas à frente do seu tempo.

Será que essa minha admiração por mulheres à frente do seu tempo deva-se quiza pela dificuldade que tive na minha infância e adolescência em me adaptar a um sistema que não ia de acordo com o meu contexto familiar e minhas aspirações?

Tenho várias lembranças de escutando aos professores falando como era importante se preparar para as provas de final de curso e estudar para elas. Mas, geralmente uma ou duas semanas antes de chegar às provas finais de curso meus pais decidiam que viajaríamos, porque naquele período os hotéis eram mais baratos e tinham menos pessoas nas praias, argumentando que já recuperaríamos o curso nas provas de setembro.

Assim, a desmotivação e a falta de prioridade para o estudo era uma constante em casa, mas eu interiormente sabia que um dia teria que recuperar esse tempo e fazer do estudo minha vida.

Com 33 anos aproximadamente, realizei uma nova tentativa, quando cursei o *Acceso a la Universidad para mayores de 25 años* e consegui entrar na faculdade de Psicologia a distancia (UNED). Cursei um ano, mas também não conseguia passar todas as matérias, pois considero, naquele momento faltava estrutura para mim.

Finalmente no ano de 2004, cheguei ao Brasil à idade de 36 anos e me estabeleci. Em 2009, decidi cursar faculdade e formei-me em Letras numa universidade pública, mas para isso precisei antes realizar o CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos), pois o meu acesso à faculdade a distancia espanhola não foi contemplado pela lei brasileira. Era como se nada tivesse estudado e precisei começar tudo de novo.

No ano de 2015, publiquei um livro em língua portuguesa e hoje continuo minha carreira universitária iniciando o mestrado na mesma universidade em que formei. Ao mesmo tempo, realizo uma licenciatura de História que finalizarei no ano 2017.

Foi uma longa trajetória até chegar aqui e desejava pesquisar uma temática que tivesse a ver com a linha de pesquisa do programa de mestrado, mas também comigo mesma e com essa minha trajetória.

Decidi que gostaria que desta vez essa personagem fosse uma mulher e pertencente ao século XIX. Estudei várias com essas características, mas eram europeias. Desta vez o desafio para mim era encontrar uma que fosse brasileira. E foi assim que pesquisando encontrei minha “pérola negra” e objeto de estudo, a educadora e escritora brasileira Nísia Floresta e na medida em que fui estudando sua figura me surpreendi com a sua capacidade de defesa pela intelectualidade e educação da mulher, com sua compreensão para com os processos educacionais na Europa onde ela morou durante 30 anos e onde ficou chocada com a forma em que a mulher era educada quando comparada com a educação da mulher brasileira.

Durante esses 30 anos na Europa, a escritora morou e viajou por Paris (1849), Bourg-la-reine (1850), Chateau de Madrid, no bosque de Bolonha (1851), Portugal (1851), Havre (1856), Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, Torino, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Mombasilio e Madovi (1858), Grécia, Esparta, Atenas, Sicília, Palermo, Siracusa, Catânia, Messina (1859), Florença (1860), Londres, Lisboa (1871), Londres, Lisboa (1875), Rouen e Bonsecours na França, (1878). O resto do tempo viveu no Brasil (DUARTE, 2008).

Nísia foi uma das poucas mulheres da época que lutou pela igualdade entre os sexos e empenhada na divulgação destas ideias, visava modificar a condição feminina em um período em que eram destinadas as tarefas de mãe e servidora do lar e do marido. Nísia afirmava que homens e mulheres eram diferentes em corpos, mas não em

“alma”. As desigualdades que resultam em inferioridade, argumenta, resultam da educação e das circunstâncias de vida (DUARTE, 1989).

Estudar biografia, a individualidade do personagem e seu contexto histórico para chegar a entender o funcionamento de uma sociedade oitocentista são parte deste trabalho. Comungamos com Moita (1995) que considera a pesquisa autobiográfica a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (MOITA, 1995, p. 113), razão pela qual os estudos autobiográficos podem ser entendidos como referentes a vidas inseridas em um sistema em que a pluralidade de expectativas e de memórias é o corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de uma pluralidade de tempos sociais (BOURDIEU, 1987).

Esta personalidade exemplar reunia todos os requisitos para se tornar uma pesquisa, além de ser um estudo interessante onde encontrei pontos de conexão com a minha própria biografia: viagens pela Europa e os diferentes tipos de abordagens educacionais que recebi tanto na Europa como no Brasil.

A pesquisadora Constância Lima Duarte (2008) aponta que as marcas de Nísia Floresta, na sua maioria, estão muito apagadas pelo tempo e alguns dos seus traços parecem definitivamente perdidos. Duarte continua afirmando que é mais fácil encontrar obras de Nísia Floresta nas bibliotecas da Europa do que no Brasil. Contemporânea e frequentadora de ilustres pensadores do Velho Mundo, a escritora é praticamente uma personalidade desconhecida entre nós. Este é um dos fatores que me motivou a iniciar esta pesquisa: o “memoricídio” em torno a sua figura.

Na obra *Opúsculo Humanitário* de 1853, a autora condena a formação educacional feminina, no Brasil e em outros países.

Meu objetivo neste trabalho, a partir de Nísia Floresta, é oferecer uma perspectiva histórica do século XIX em torno à situação da mulher em termos intelectuais e educacionais. Como a mulher vivenciava sua própria capacidade de estudo? Que importância adjudicava a sua intelectualidade? Caso desejara expor suas próprias ideias através da escrita que deveria enfrentar? Como era seu dia a dia, sua rotina? O que estava destinado pela sociedade do século XIX para a mulher?

Através da coleta de dados biográficos e da análise das leituras – levando em consideração que hoje a principal expoente do pensamento de Nísia Floresta no Brasil é

Constância Lima Duarte – e observando os detalhes do contexto histórico, propiciaremos reflexões em torno da biografia de Nísia Floresta e de como ela vivenciou essa realidade social e se colocou à frente do seu tempo.

A educadora e escritora Nísia foi esquecida e não valorizada pelo seu próprio país durante 70 anos e, desta forma, apagaram a possibilidade de olhar ao passado e de refletir durante esses anos.

A dissertação, então, encontra-se estruturada da seguinte forma: insere no primeiro capítulo a história da mulher intelectual desde o diálogo historiográfico e trata dos espaços de memória e invisibilidade histórica pelos quais passaram as mulheres.

No segundo capítulo, aprofundou-se o panorama histórico da mulher oitocentista e de que maneira a política e a realidade socioeconômica da época influíram a sua condição, tanto no âmbito doméstico como na vida pública, sem deixar de lado, como se dava a educação feminina do período.

No terceiro capítulo, detalhou-se a identidade biográfica de Nísia Floresta: suas obras, sua passagem pela Europa e amizade com Augusto Comte (1798–1857), sua faceta de educadora e o seu ímpeto em extinguir a escravidão.

E por último no quarto capítulo, procurou-se apresentar o silêncio que envolveu a pessoa de Nísia durante décadas no seu próprio país, a destruição de documentos e obras da escritora e o movimento que surgiu a partir do ano 2006 para recuperar sua memória.

# 1. HISTÓRIA INTELECTUAL DA MULHER

*Toda a história das mulheres foi feita pelos homens.  
– Simone de Beauvoir, 1949 –.*

## 1.1. Diálogo historiográfico: *A Nova História*

Para resgatar a história intelectual da mulher, esta pesquisa remete-se ao início do século XX, pois foi somente nesse período que ela surge como objeto de estudo na historiografia. Inicia-se, pois este primeiro capítulo com um diálogo historiográfico fundamental dentro das pesquisas históricas nos inícios do século XX, desta forma, tenta-se aproximar até os autores e os estudos da História intelectual da mulher, uma vez que esta, só apareceu na historiografia, após séculos de intelectualidade reservada somente ao sexo masculino.

E, como em toda área científica, são diversificadas as opiniões e posicionamentos dos pesquisadores e autores dedicados. Neste trabalho, confrontam-se algumas e destaca-se aquela linha ou perspectiva que mais contribuirá com a nossa pesquisa, trazendo associações de ideias e acrescentando material à História intelectual da mulher.

Acerca da História Intelectual, Silva e Silva (2009) dissertam:

A História Intelectual em si, é definida como área da Historiografia que é por sua vez, a ciência teórica da História, o campo de estudo da reflexão sobre a produção e a escrita da História, é a construção do conhecimento e do passado ao longo do tempo. É também a análise de discurso dos historiadores em relação ao tempo e à sociedade em que cada historiador está inserido e é o exame e o diálogo de vários historiadores ao respeito do método histórico (SILVA K; SILVA M, 2009, p. 104).

A História intelectual, também chamada História das ideias ou História do conhecimento, vem sendo estudada dentro da pesquisa historiográfica, onde nas três últimas décadas passou por um apreciável e considerável fortalecimento, porém ainda pouco conhecida e ainda em desenvolvimento.

Os estudos historiográficos vêm experimentando mudanças nas últimas décadas em relação ao sujeito na história. Nestas mudanças ocorridas na historiografia, os

intelectuais passam a ocupar novamente um lugar efetivo como importante objeto de estudo.

A história intelectual parece ser um desses resultados de mudanças que estão ocorrendo na historiografia a partir do forte debate acadêmico, que vem sendo ampliado gradativamente. Ela não se restringe apenas a dar sustentação a novos campos temáticos, que surgem nas academias e nos mercados editoriais, mas fornece elementos para abordagens de temas já amplamente discutidos, que pareciam de certa forma, esgotados (HAHN, 2007).<sup>2</sup>

Antes de acontecer esse interesse pela História intelectual, a História convencional já vinha provocando certo desconforto e insatisfação em jovens historiadores que prognosticavam que esse tipo de História já não se correspondia com os anseios da humanidade que vivia nesses momentos rupturas com o passado e tinha exigências do novo homem e de uma nova sociedade onde entre outras se abria espaço para a mulher.

A partir do clássico “Historia de la historiografia moderna”<sup>3</sup> o autor, historiador suíço Eduard Fueter (1876–1928), afirmava que toda nova abordagem histórica se originava de um acontecimento que determinava o rumo da própria história. A insatisfação dos então, jovens Marc Bloch e Lucien Febvre nas décadas de 10 e 20, em relação à história política, estava vinculada à relativa pobreza de suas análises, em que situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre grandes – homens o países – ignorando que, alguém e além dele, se situavam campos de forças estruturais, coletivas e individuais que lhe conferiam densidade e profundidade incompatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos (BURKE, 1990 p. 7).

E é assim, dentro desse contexto que surgiu *La nouvelle histoire*<sup>4</sup>, que começou na França do século XX nos inícios da década de 30. Uma parte dessa nova história é produto de um pequeno grupo associado à revista *Annales*<sup>5</sup>, criada em 1929. O núcleo central desse grupo é formado por Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie (BURKE, 1990, p. 11).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=37>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>3</sup> Fueter, Ed. *Historia de la Historia moderna*. Trad. Argentina. Buenos Aires, Editora Nova, 1953. 2 v.

<sup>4</sup> Escola dos Annales.

<sup>5</sup> A revista teve quatro títulos: *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-39); *Annales d'histoire sociale* (1939-1942,45); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-4); *Annales économiques, sociétés, civilisations* (1946-).

Dentre estes autores historiadores foram Lucien Febvre e Marc Bloch os líderes do que pode ser chamado “a revolução francesa da Historiografia”. Para entender esta denominação precisamos compreender que eles enfrentaram uma “História tradicional” que pretendiam substituir e derrubar.

Burke (1990, p. 13) explica que, esse movimento dos Annales pode ser didaticamente dividido em três fases:

**Primeira fase.** (1920–1945), grupo pequeno, radical, subversivo contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos;

**Segunda fase.** Depois da segunda guerra mundial, foi o movimento que mais se aproximou de uma escola (estrutura e conjuntura) com conceitos diferentes e novos métodos (história serial das mudanças na longa duração), dominada pela presença de Fernand Braudel.

**Terceira fase.** A partir de 1968, marcada pela fragmentação, dava pouca importância à história política e à história dos eventos. Exerce grande influência sobre a historiografia e sobre o público leitor, em abordagens que chamamos de Nova História ou História Cultural. E aqui nos deparamos com um novo termo dentro dos estudos historiográficos: História cultural.

Segundo o Dicionário de conceitos históricos de Silva, K; Silva M, (2009), historiadores adeptos da Nova História Cultural, abordagem criada no final do século XX a partir da perspectiva cultural da Nova História francesa, defendem a proximidade da História com a Arte, com a ficção, e não com a ciência. Mas o que seria em definitiva a História cultural?

Segundo Burke (2004), explica já logo na introdução da sua obra “O que é História cultura?” é uma disciplina desprezada por suas irmãs mais bem sucedidas e foi recoberta nos anos 1970. Desde então vem acontecendo uma renovação dela, sobretudo no mundo acadêmico.

O historiador cultural faz uma tentativa de abraçar artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar. Dá “ênfase” em culturas inteiras, evita a fragmentação da disciplina em especialistas de história e procura uma visão mais interdisciplinar. Com essa virada cultural, o debate hoje sobre cultura se estende a: “cultura do medo”, “cultura da pobreza”, “cultura dos adolescentes”, entre outros. Assim desta forma hoje é difícil dizer o que não seria cultura (BURKE, 2005 p. 3).

Contudo a História cultural não é um conceito novo, pois já era praticada na Alemanha há mais de 200 anos com o nome de *Kulturwachichte*. Embora ainda não exista um consenso na definição História cultural, ela possui um terreno comum onde os historiadores culturais têm uma preocupação com o simbólico e suas interpretações.

Já a tradição francesa evita o termo “cultura” – pelo menos, até época bem recente – e por dirigir seu foco, em vez disso, para *civilisation, mentalites collectivese imaginaire social*. Há três ou quatro gerações os historiadores associados à revista *Annales* vêm fazendo uma série notável de contribuições importantes nesse campo: para a história das mentalidades, sensibilidades ou “representações coletivas” [...] (BURKE, 2005, p. 11).

A história cultural, na sua abordagem, sobrepõe-se, ao movimento francês da história das mentalidades e à chamada Nova História.

A História das Mentalidades é definida pelo historiador francês especialista em Idade Média, Jacques Le Goff (1924–2014), como uma nova modalidade da História, com precursores já na primeira metade do século XX, mas que rigorosamente começa a se delinear como um novo espaço de ação para os historiadores na segunda metade do século. Propunha-se enfocar a dimensão da sociedade relacionada ao mundo mental e aos modos de sentir.

A História das mentalidades trouxe para os diálogos historiográficos temas inéditos, até o momento, não abordados na história convencional através de novos historiadores das mentalidades que foram adquirindo competência nestes novos assuntos.

Podem ser citados como exemplo Robert Mandrou (1998) que estudou a longa persistência de certos modos de sentir que motivaram a prática da feitiçaria e sua repressão no livro *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII* (1979); Jean Delumeau que impôs a si a tarefa de examinar um complexo de medos de longa duração que haviam estruturado o modo de sentir do homem europeu durante muito tempo, e cuja lenta superação permitiu precisamente a passagem para o mundo moderno (1989), Philippe Ariès (1981) e Michel Vovelle (1982) que dedicadamente analisaram historicamente os sentimentos do homem diante da Morte (BARROS, 2011 p. 255-256).

A partir da chegada da História das Mentalidades qualquer tema podia ser trabalhado desde várias dimensões e perspectivas sociais, como a Política, a Economia, a Cultura, as Mentalidades, o Imaginário, e assim por diante.

Assim, segundo Barros (2011), a História da Morte, por exemplo, era trabalhada pela História Demográfica, pela História Política, pela História da Cultura Material e não apenas pela História das Mentalidades. Em compensação, temas mais tradicionais como o “nacionalismo” ou a “religião” podiam ser igualmente examinados da perspectiva de uma História das Mentalidades:

São, portanto os próprios historiadores das mentalidades que definem o tipo de história que fazem baseados na dimensão da vida social para a qual os seus olhares se dirigem: o universo mental, os modos de sentir, o âmbito mais espontâneo das representações coletivas e, para alguns, o inconsciente coletivo (BARROS, 2011 p. 255-256).

E para concluir e retomando o nosso foco para a história intelectual das mulheres como objeto de estudo historiográfico, a Escola dos Annales foi pioneira na inserção da mulher na história. Pode-se observar que na primeira geração a Escola dos Annales rompeu com o exclusivismo do político no relato histórico, para instituir uma história voltada para os aspectos econômicos e sociais. Porém essa ruptura não foi suficiente para promover um debate profundo sobre a inserção das mulheres na História.

Já na terceira fase, a terceira geração do movimento dos Annales surgiu no contexto do movimento estudantil de ‘maio de 1968’, das reivindicações de movimentos feministas, homossexuais e da politização dos movimentos negros nos EUA e na Europa, e houve uma renovação nos estudos históricos, ao imprimirem uma escrita da história que priorizasse novos “problemas, abordagens e objetos”.

E ainda conforme o texto de Burke, a terceira geração dos Annales foi marcada por mudanças intelectuais. No interior do grupo dos Annales alguns historiadores sempre estiveram envolvidos com os fenômenos culturais e com a mentalidade

## **1.2. Ser Intelectual**

E até aqui o referente à História Intelectual, mas o que seria ser um intelectual? Existe um critério que define esse conceito?

O termo *intelectual* é definido pelo dicionário Houaiss da língua portuguesa como:

1 relativo ao intelecto; mental, espiritual. 2 típico, próprio de intelectuais. 3 que ou aquele que vive predominantemente do intelecto. 4 que ou aquele que demonstra gosto e interesse pronunciados pelas coisas da cultura, da literatura, das artes etc. desde cedo conviveu com livros. etim. lat. *intellectuális*, e 'relativo à inteligência (HOUAISS ELECTRÔNICO. 3.0, 2009).

No estudo da temporalidade confere-se que a intelectualidade era maioritariamente masculina até mesmo entre historiadores. O pensador político italiano, Norberto Bobbio (1909–2004) fala da conduta dos homens intelectuais em sociedade,

e em especial dos governantes presentes ou futuros, com particular referência a um sujeito específico ou mais precisamente a um conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores, portadores transmissores de ideias que desde há um século são chamados de intelectuais (BOBBIO, 1996 p. 109).

Este autor continua apontando que esses sujeitos históricos chamados “intelectuais” nos tempos e nas sociedades eram sábios, sapientes, doutos, *Philosophes*, *clercs*, *hommes de lettres*, literatos, etc. Todos eles, - intelectuais - eram vistos como homens de vida contemplativa desde suas “torres de marfim”.

Já ao definir “intelectuais” o autor Tomas Sowell aponta que:

esse termo será entendido como uma categoria *ocupacional*, composta por pessoas cujas ocupações profissionais operam fundamentalmente em função de ideias – falo de escritores, acadêmicos e afins. A maioria de nós não atribui o papel de intelectuais para neurocirurgiões e engenheiros, apesar do exigente treino mental que são obrigados a trilhar. Na prática ninguém considera intelectual mesmo o mais brilhante e bem-sucedido gênio das finanças (SOWELL, 2011, p. 16-17).

O autor ao final conclui que o trabalho de um intelectual é constituído de ideias, que começa e termina com ideias. E ainda afirma que na contemporaneidade provavelmente nunca houve outro período na história no qual os intelectuais tenham desempenhado um papel tão extenso na sociedade. Os intelectuais são responsáveis de gerações de ideias, cercados por uma espessa penumbra de auxiliares, os quais disseminarão suas ideias – jornalistas, professores, funcionários públicos, burocratas e outros membros que compõem a *intelligentsia* –. Assim a influência dos intelectuais estaria ligada aos lugares onde eles gozariam de grande liberdade. Assim, a mulher do

século XIX, definitivamente privada de muitas liberdades não teria como exercer influencia na sociedade segundo estes critérios?

### 1.3. Espaços de memória e invisibilidade histórica das mulheres

Até este momento da pesquisa, já percebemos que a historiografia não contemplou o gênero feminino como objeto de estudo e em consequência existiu um silêncio e uma invisibilidade das mulheres ao longo da história.

É relevante ressaltar as diferenças entre os termos “História” e “Historiografia”, pois é, quiçá, nas definições destes termos, que possamos entender um pouco mais a questão da mulher como objeto de estudo:

Alguns autores, como George Sand e mais tarde Marguerite Ypucernar, afirmavam “Tudo é história”. Mas, se isso fosse assim, por que as mulheres não pertenciam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra “história”. A história é o que acontece, a sequência de fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso (PERROT, 2006, p. 16).

E sem relatos, sem história escrita – a historiografia –, as mulheres durante séculos ficaram silenciadas, fora do seu tempo e espaço. E esse silêncio não se conformou com existir durante tanto tempo, se não que, envolveu junto com ele também uma invisibilidade. Uma invisibilidade que, entre outros fatores, pode se explicar, desde a concepção de que a mulher vivia confinada a seu lar.

A mulher cuidava da casa, do marido e dos filhos e essa realidade não era uma opção, era uma forma de garantir a ordem de uma sociedade particularmente patriarcal.

Do ponto de vista da historiografia não existia vida pública da mulher antes do século XIX:

“Que a mulher conserve seu silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno.” (Carta do Apóstolo Paulo para Timóteo, capítulo 2, versículos 11, 12, 13, 14 e 15).

Desde os gregos, a fala de mulheres em público era um ato indecente. Aqui, lembra-se o caso clássico de Hipátia de Alexandria, considerada pela mesma história como a primeira mulher científica, filósofa grega, que recebeu uma forte educação

Neoplatônica, mas que foi brutalmente assassinada por uma multidão de homens cristãos.

Este preconceito pela intelectualidade feminina ainda se estendeu no século XVII:

No século XVIII O filósofo Arthur Schopenhauer mantinha que “O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais nem aos grandes trabalhos materiais. [...] “A natureza, recusando-lhes a força, deu-lhes a astúcia para lhes proteger a fraqueza: de onde resultam a instintiva velhacaria e a invencível tendência à simulação do sexo feminino” e mais, que “a mulher é um animal de cabelos longos e ideias curtas” (FERNANDES, 2008).<sup>6</sup>

Desde os gregos até o Século das Luzes, poucas mudanças aconteceram em relação à ideia do que era uma mulher e de quais seriam seus direitos básicos. Desta forma, a história teve que “memorizar” a mulher como objeto de estudo ou de outra forma, teria que ter enfrentado as crenças, influências e sistemas sociais arraigados em cada época sobre o gênero feminino.

A autora Michelle Perrot (1928–), renomada historiadora e feminista francesa especialista do século XIX, é uma das mais importantes pesquisadoras da história das mulheres, seus diálogos e pesquisas são imprescindíveis nesta temática. Perrot faz parte de um movimento historiográfico, que buscou inserir as mulheres nos relatos e nos acontecimentos históricos, destacando que as mulheres também têm sua história.

“No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente que a história das mulheres podia ser escrita” (PERROT, 2006, p. 11).

Esse rompimento do silêncio historiográfico que cerca as mulheres só foi possível nas décadas de 60 e 70 do século XX, quando os paradigmas tradicionais que dominavam a disciplina, como o Marxismo, entre outros, perderam um pouco da sua força.

---

<sup>6</sup> Disponível em: < [http://www.paralerepensar.com.br/antoniocf\\_amulher\\_naoticapedagogica.htm](http://www.paralerepensar.com.br/antoniocf_amulher_naoticapedagogica.htm) > acesso em: 30 out. 2015.

A disciplina histórica até então, não contemplava a mulher nos seus estudos e só na década de 1970, foi quando as ciências humanas na França começaram a discutir o papel do gênero feminino na sociedade. Durante muito tempo o relato histórico se esqueceu das mulheres, relegando-as a um silêncio ensurdecedor (PERROT, 2005, p. 9).

Michelle Perrot (2006) também levava em consideração o peso do *silêncio das fontes* à hora de trazer as memórias do gênero feminino à luz.

As mulheres deixavam poucas marcas escritas e algumas delas usavam pseudônimos masculinos, como foram Virginia Woolf (1882–1941), Mary Ann Evans (1819–1880), Rosalía de Castro (1837–1885), Jane Austen (1775–1817), Sidonie Gabrielle Colette (1873–1954), Charlotte Brontë (1816–1855), entre outras, para poder publicar seus escritos. As mulheres não tinham sobrenome, apenas nome e o sobrenome do marido.

Perrot (2005) sustentava que a mulher conseguiu registrar experiências onde lhe era permitida, restrita, evidentemente, ao espaço doméstico, privado.

A mulher ficou reduzida ao espaço privado, e ela nunca foi chamada a fazer parte da cena histórica e teve de desenvolver estratégias de sobrevivência naquilo que lhe restou: o lar. Por isso, a memória do privado coube à mulher. Era ela quem cultuava os mortos e suas tumbas, sendo a forma de comunicação dominante a oralidade, passada, geralmente, de mãe para filha. Mas muita coisa se perdeu devido a mudanças de casa, ao desprezo por se tratar de mulher e ao embaraço pelo conteúdo legado (PERROT, 2005 p. 519).

O medo a serem descobertas pelos homens como portadoras de alguma intelectualidade ou independência de pensamento as levava a escrever escondidas à luz de um abajur no seu quarto. Escreviam às vezes, a modo de catarse<sup>7</sup> de uma vida dedicada aos outros onde seus próprios sentimentos e ideias não tinham cabimento. E paradoxalmente algumas vezes eram elas mesmas que apagavam suas memórias quando chegavam à velhice. “Até o mesmo corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus” (PERROT, 2006).

Afinal, como ainda apontava Perrot (2005, p. 17), deviam pensar: elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se

---

<sup>7</sup> Remissão de ânsia e tensão produzida de reviver e vivenciar uma intensa experiência emotiva (MECCACI. Psicologia: Dicionário enciclopédico, 1983, p. 131. Tradução nossa).

estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.

Este trecho descreve como a mulher era vista no que concernia à sua capacidade intelectual na época:

Ela foi formada para sentir, como o homem foi criado para pensar; superior a ele em sagacidade e prontidão em compreender; é, contudo muito inferior em raciocínio e reflexão: aquelas que têm apresentado uma inteligência superior têm sido sempre à custa de suas qualidades femininas (COSTA, 1989, p. 28).

Ainda na sua fala Perrot (2015) continua: “o silêncio mais profundo é do relato”. Relatos femininos, discursos de ou sobre mulheres que revelem como elas se expressavam, como se sentiam, o que anelavam, eram impensáveis nas sociedades passadas.

O relato da história era construído pelos primeiros historiadores gregos ou romanos e dizia a respeito do espaço público: as guerras, os reinados e aos homens ilustres. O mesmo ocorre com as crônicas medievais e as vidas de santos: fala-se mais de santos do que de santas. Uma verdadeira autodestruição da memória feminina consciente que pesa na nossa historiografia.

Mas já chegando o século XIX, a história toma uma índole mais profissional e científica dando um espaço maior ao gênero feminino. Inclusive algumas mulheres aristocráticas tentam se ganhar a vida escrevendo e surgem as primeiras autorias femininas do século XIX.

#### **1.4. Autoria feminina no século XIX**

Segundo as pesquisas de Perrot (2006), na Europa a primeira imprensa feminina especializada é a de moda, que se inicia no século XVIII. Em sua maioria, são os homens que escrevem, mas as mulheres se introduzem pouco a pouco, como no *Journal das dames* (1750 – 1778) de Paris. Em Londres, o *Female Spectator* (1744 – 1746) de Eliza Haywood.

Após esta espécie de infiltração em jornais masculinos, surgem no século XIX publicações mensais escritas e financiadas por mulheres. Publicações que registravam

desde conselhos de moda, receitas de cozinha, narrativas de viagens, até biografias de mulheres “ilustres”: rainhas e santas em destaque.

Este último gênero bibliográfico estava em pleno apogeu, quiçá já com o intuito de mostrar ao próprio gênero feminino que a mulher fazia parte da história e merecia ser lembrada após tantos séculos de apagamento. Iniciam-se nas páginas desses jornais sugestão para as jovens estudarem línguas estrangeiras já que a tradução seria uma ocupação acertada para a mulher. Mas aconselhar à mulher a se inserir na vida pública fazendo um trabalho relacionado ao intelecto não era na época tarefa fácil, e sim, muito criticado:

As revistas femininas tiveram um papel crescente nos séculos XIX e XX. [...] Em tanto que os patrocinadores procuram principalmente captar consumidoras potenciais, guiar seus gostos e suas compras. A indústria dos cosméticos, e das artes domésticas, visam, de início, às mulheres mais sofisticadas. [...] Mas algumas mulheres aproveitam-se dessas tribunas para desenvolver a emancipação das mulheres. Assim, Marcelle Auclair, em *Marie Claire*, responde de maneira bastante liberal ao “correio sentimental” e defende o direito à contracepção, dando a esse respeito os primeiros conselhos. Aí está toda a ambiguidade da imprensa feminina, presa de imagens e de condutas (PERROT, 2006, p. 34).

As feministas não tardaram em ver o potencial da escrita em jornais para fazer chegar suas vozes à opinião pública, e surgiram as primeiras jornalistas e imprensa feminista.

Totalmente patrocinada por mulheres, esta imprensa dá espaço as mulheres e à profissão de jornalista que antes era só para homens. Aqui o gênero feminino pode se expressar e chegam a estar presentes em todas as partes do mundo.

Já se trasladando ao Brasil no começo do século XIX, as mulheres brasileiras na sua grande maioria viviam presas em antigos preconceitos e sem direitos básicos, que segundo a própria Nísia apontava na sua obra, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832) eram entre eles, o de ser letradas, já que poucas sabiam ler e escrever, pois esse direito lhe estava reservado à figura masculina.

Entre essas poucas mulheres letradas, encontravam-se as que deram lugar às autorias femininas do século XIX. Essas personalidades femininas oitocentistas tinham o desafio de alçar suas vozes através da escrita depois de tantos séculos de silêncio e invisibilidade. Algumas delas tiveram a coragem de levar a cabo esse enfrentamento,

casos excepcionais, que marcaram um antes e um depois na história do gênero feminino.

Essas mulheres se serviram da imprensa da época e da publicação de alguns livros para transmitir seus pensamentos, sentimentos e ideias através de artigos e da literatura principalmente. Mas, foram associadas rapidamente e reduzidas de forma depreciativa ao movimento feminista da época:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então na origem, a literatura feminina no Brasil esteve sempre ligada a um feminismo incipiente (MUZART, 2003, p. 267).

Quando a mulher manifestava alguma intenção de sair do seu papel de família burguesa, era vítima de críticas nos inúmeros jornais e revistas publicadas ao longo dos séculos XIX e início do XX:

Crônicas sobre a inversão dos papéis, charges ridicularizando o movimento para a emancipação feminina e até caricaturas maldosamente desenhadas sobre tipos feministas eram, frequentemente, vistas nos meios de comunicação com o objetivo de deter uma possível liberdade feminina tida como incompatível com o ideal de beleza, meiguice e resignação, características tomadas como naturais da mulher (DE SOUZA, 2015, p.4).

Mas, mesmo nesse ambiente nada alentador, destacaram-se autoras como Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810–1885), uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na chamada “grande” imprensa. Esta personalidade merecerá maior atenção neste trabalho em capítulos posteriores:

Outra jovem escritora foi Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, que publicava o livro de contos e versos “A Philosopha por amor” (1845) que tratava de reivindicações femininas inspirado no primeiro livro de Nísia Floresta. Maria Clemência da Silveira Sampaio, de Rio Grande, que em 1823 teve seus Versos heroicos pelo motivo da gloriosa aclamação do 19 Imperador constitucional do Brasil editados na Corte porque na Província não havia, ainda, imprensa. Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, editado entre 1833-4; Poesias dedicadas às senhoras rio-grandenses, com que a cega Delfina Benigna da Cunha é aceita como a iniciadora do romantismo no Brasil, e O Ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação, da autora aqui enfocada, uma

coletânea de escritos desde a década anterior e dadas ao público só em 1845, término de permissão marital para editar (FLORES, 1989, p. 15).

Na metade do século XIX, aparecem os primeiros jornais dirigidos por mulheres, representantes das classes tidas como dominantes, mulheres letradas pertencentes à elite da Corte Imperial. Estes jornais eram considerados pelos críticos, imprensa supérflua destinada ao segundo sexo. Publicações editadas e assinadas por mulheres, como *A Mensageira*, *O Sexo Feminino*, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, *A Família*, *Belo Sexo* e *O Jornal das Senhoras*, circulavam no mundo midiático representando a identidade feminina. Mas qual era essa mulher? Quais eram os assuntos que se abordavam nessas revistas e jornais? Os jornais da imprensa oitocentista constituem um material importante, pois, através da análise deles, podemos estudar o que as mulheres pensavam e reivindicavam nesse momento preciso:

Data de 1852 o aparecimento daquele que é considerado o primeiro jornal feminino: *O Jornal das Senhoras*, editado por Joana de Paula Manso no Rio de Janeiro. Esse jornal teve o mérito de alertar as mulheres para suas necessidades e capacidades, embora enfatizasse que o papel principal da mulher era o de “amar e agradar os homens” colocando os interesses da família acima de todos os outros (TELES, 1999 p. 34).

De Souza (2015) aponta que *O Jornal das Senhoras*<sup>8</sup> levava como subtítulo *Modas, Literatura, Belas Artes e Crítica*. Jornal feminino de importância que visava “propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (*Jornal das Senhoras*, 28 de janeiro de 1855, p.4).

Esta seria a tônica que iria perpassar todos os jornais femininos: a busca por uma melhor instrução para as mulheres o que proporcionaria, segundo elas, inúmeras conquistas.

---

<sup>8</sup> *O Jornal das Senhoras* foi o primeiro jornal redigido totalmente por mulheres e que trazia uma inovação: ser um canal para as reivindicações femininas, tornando-se uma voz audível para àquelas que viveram mudas durante toda a sua vida. Sua luta estava alicerçada nas ideias de progresso que fervilhavam no século XIX, o “século das luzes”, e a América do Sul não poderia ficar isolada, especialmente o Brasil, “quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade”, palavras de D. Joana no *Jornal das Senhoras*, 11 de janeiro de 1852 (De Souza, 2004).

Ainda De Souza (2015) diz, a editora de *O Jornal das Senhoras* reconhecia que sua tarefa não era uma das mais fáceis, principalmente no que diz respeito ao espanto que seria para a sociedade ter uma mulher à frente de um jornal, como mencionado por ela na primeira edição do jornal: “Ora, pois, uma senhora à testa da redação de um jornal que bicho de sete cabeças será?” (*O Jornal das Senhoras*, 1º de janeiro de 1852, p. 1).

Emancipação moral da mulher- o que vem a ser isto?  
Ai! Que temos revolução, dirão por ahi..  
Sossegai.  
Não se trata de levantar o estandarte da rebelião  
Mas deixemos estas digressões; o que vem a ser essa tal  
emancipação da mulher?  
Eu vo-lo digo: é o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na  
sociedade; é o justo gozo de seus direitos, que o brutal egoísmo do  
homem lhe rouba, e dos quais a desherda..  
Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada e reconhece  
perfeitamente a tirania do homem, não é a ellas a quem temos de  
convencer da necessidade de sua emancipação moral. (*O Jornal das  
Senhoras*, 14 de janeiro de 1852, p.1)

A autora do texto, a mesma redatora e diretora do jornal, Joana de Paula Manso (1819–1875), transmite com suas palavras que seriam os homens o verdadeiro problema, e os responsáveis pelo tolhimento dos direitos femininos.

Mas, no próximo número do jornal outro texto explica o que seria de fato esta emancipação tão defendida por ela à vista de algumas fortes reações dos leitores ao primeiro texto:

Não entendo por emancipação moral da mulher [sic] à proteção dos  
homens, sempre que essa proteção tenha por base a amizade será justa  
(...)  
Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspensão da  
obra das gerações; querer isto seria querer entronizar os vícios  
mais degradantes da humanidade.  
Não entendo por emancipação moral da mulher subtrahida à sua  
missão marcada pelo Creador- a mãe e a esposa. Nem quero tão  
pouco que a mulher seja soldado;  
- Nem empregado público;  
-Nem oficial da Marinha;  
-Nem Ministro do Estado;  
-Nem doutor graduado em leis, com quanto deva Ella conhecer as do  
seu próprio país, por que tem de educar os filhos no espírito da lei..  
Nem entendo por emancipação que Ella abandone o lar doméstico.  
Não quero na mulher o espírito das espartanas (*O Jornal das  
Senhoras*, 25 de janeiro de 1852, p.27).

Tem-se que analisar esta reação da autora do ponto de vista do contexto que vivia. Esse tipo de declaração era na época além de revolucionárias, extremamente inovadoras e chocantes para a população.

Do ponto de vista histórico, a mulher oitocentista estava em ascensão, em especial do feminismo procurando seu espaço e tentando resistir à opressão de sua época. A escrita em jornais se transformou no veículo para que o gênero feminino conhecesse seus direitos e obrigações, mas não era simples assim como podemos observar no exemplo acima.

Maria Amélia de Almeida Teles (1999) descreve, no entanto, que o jornalismo mais avançado foi sem dúvida aquele expresso pelo semanário *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, editado inicialmente em Campanha da Princesa, Minas Gerais, sendo seu primeiro número publicado em 07 de setembro de 1873, mas tarde transferido para o Rio de Janeiro.

“Francisca dirigiu-se às mulheres para que todas tomassem consciência de sua identidade e de seus direitos, lutando juntamente pelo direito ao voto e pela abolição da escravatura” (DE SOUZA, 2015).

Josefina Álvares de Azevedo escreveu a comédia feminista *O voto feminino*, (1890) que vai à cena, no Teatro Recreio Dramático, um dos mais populares do Rio de Janeiro na época, mostramos aqui um trecho<sup>9</sup>:

### CENA 2a. Anastácio e Inês

*INÊS (entrando) – Aqui estou, Senhor Anastácio.  
Que barulho! Vão ver que é para aí qualquer ninharia!  
ANASTÁCIO – Ah! Para a senhora tudo é ninharia!...  
INÊS – Decerto.  
ANASTÁCIO – Pois não é, não senhora, são onze  
vinténs que faltam nesta conta ...  
INÊS – Ora, louvado seja Deus! Por onze vinténs  
um barulho tão grande!  
ANASTÁCIO – Pois sim, pois sim; mas é que muitos  
onze vinténs arruínam um homem e ...  
INÊS – E o senhor queria que eu deixasse os  
meus afazeres para estar a tomar conta destas  
insignificâncias...*

---

<sup>9</sup>Transcrita da versão inserida na coletânea A mulher moderna: trabalhos de propaganda, organizada pela autora da comédia, publicada em 1891 (MAIOR, S/D).

ANASTÁCIO – *Sem dúvida. É este o dever de uma boa dona de casa.*

INÊS – *Meu dever?! Oh! Senhor Anastácio, pois o senhor quer que a mulher de um ex-conselheiro esteja a ridicularizar com a criada?*

ANASTÁCIO – *Ridicularias! Ridicularias! Para a senhora só são importantes as discussões de política, a literatura piegas desses franchinotes que andam peralteando pela rua do Ouvidor, as borradelas dos pintores, os teatros, os partidos, e até os duelos! Senhora D. Inês, a senhora não se sai bem desta vez. Os duelos!*

INÊS – *Naturalmente. Então queria o senhor que assim não fosse?*

ANASTÁCIO – *Está visto. Ah! Mulheres!... Mulheres!...*

INÊS – *Já não estamos no tempo da mulher objeto de casa, escrava das impertinências masculinas.*

ANASTÁCIO – *Ora figas, senhora Inês!*

INÊS – *Estamos no fim do século XIX, em que o livre arbítrio faz de cada criatura um ser igualmente forte para as lutas da vida, ouviu?*

ANASTÁCIO – *Tá, tá, tá, tá. Ora figas! Qual lutas da vida! Qual livre arbítrio! Qual século XIX! Qual nada! A mulher foi feita para os arranjos de casa e nada mais!*

INÊS – *O senhor está me desacatando!*

ANASTÁCIO – *Ora figas! A senhora é que não está em si; perdeu a razão.*

INÊS – *Ah! Não quer que nós tenhamos direitos?!*

ANASTÁCIO – *Não, decerto. O pior é que a senhora já está transtornando a cabeça de minha filha, que anda-me também com as mesmas ideias.*

INÊS – *Sem dúvida alguma. E há de aproveitar muito, a nossa querida Esmeralda.*

ANASTÁCIO – *Há de ser muito divertido.*

INÊS – *Que bonito futuro está reservado à nossa filha!*

ANASTÁCIO – *Se for uma boa mãe de família...*

INÊS – *Há de ser; e também uma das melhores figuras da nossa política...*

ANASTÁCIO – *Que diz?*

INÊS – *Se passar a lei...*

ANASTÁCIO – *Ó senhora, eu já lhe disse que não me meta a mulher na política!*

INÊS – *Que! Não meter a mulher na política! Oh! Senhor Anastácio, a mulher não é porventura um ser humano, perfeitamente igual ao homem?*

ANASTÁCIO (com calma) – *Sei lá! O que sei é que a política não foi feita para ela. A mulher metida em política, santo Deus!... Não me quero incomodar senhora D. Inês. Vou à chácara tomar*

*um pouco de fresco. Até já. (sai).*

Este trecho da comédia escrita *O voto feminino* autoria de Josefina Álvares de Azevedo serve para ilustrar a época (século XIX) e mostrar a lenta e complexa mudança das mentalidades entre gêneros em uma sociedade oitocentista.

Entretanto, outros novos periódicos surgiram defendendo a igualdade da mulher e seu direito à educação. O jornal *A Família* (1888), dirigido pela feminista Josefina Álvares Azevedo (1851–1903), tinha como bandeira a defesa do direito ao voto.

O jornal também ressaltava da mão da feminista Josefina Álvares Azevedo a questão da educação das mulheres como principal assunto:

Nas páginas do jornal *A Família*, a educação foi a primeira causa defendida pela ativista, que a considerava condição *sine qua non* para a emancipação feminina. A princípio, sua postura arrojada se evidenciava por reivindicar para as mulheres uma “educação sólida e desenvolvida”, que as preparasse “para todos os misteres da vida, como dignas e leais companheiras do homem, tão capazes de desempenhar altas funções do estado, como as secundárias obrigações que lhe competem na família” (MAIOR, S/D. In \_\_\_\_AZEVEDO, 1889, p. 1).

E sempre com um olhar esperançado e determinante essas autorias femininas se serviram da escrita já fosse através de jornais e/ou em livros para ir mudando padrões de pensamento e incentivando as mulheres a se inserir na vida intelectual e lutar pelos seus direitos básicos.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO DA MULHER OITOCENTISTA

*Deve-se fugir da história que faz da mulher uma vítima, ou o seu inverso.  
– Mary Del Priore, 1989*

### 2.1. Realidade socioeconômica e política brasileira do Século XIX

Segundo a análise de Mary Del Priore (2005), duas características marcaram o início das produções sobre o feminino: fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que a vitimava. Para essa autora, trabalhos marcados por esses direcionamentos acabavam levando a história da mulher a um isolamento intelectual e a estudos sem maiores influências na disciplina histórica. Na sua ótica, deve-se fugir da história que faz da mulher uma vítima, ou o seu inverso, ideia corroborada por o seu estudo (PRIORE, 2005, p. 143).

Nesta seção, este trabalho apresenta uma breve história do Brasil durante o século XIX, incidindo sobre a realidade socioeconômica e política brasileira, com o objetivo de enriquecer e ilustrar previamente esse contexto a biografia de Nísia Floresta, que será estudada no próximo item.

Pode-se antecipar a este estudo que não tem a mesma conotação e relevância histórica uma mulher do século XXI defendendo os direitos e a educação das mulheres que uma que o fizera no século XIX, imersa num contexto histórico que passaremos de imediato a introduzir neste texto.

A pesquisa submerge-se em obras de autores brasileiros clássicos como Gilberto Freyre (1900–1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982) e Boris Fausto (1930–). Tenta-se simultaneamente fazer alguns *links* ilustrativos da vida da própria educadora Nísia Floresta, personalidade que será objeto principal a tratar no próximo capítulo desta dissertação.

São numerosos os fatores que influem nas realizações de uma vida, e para Nísia como se podem analisar na sua biografia esses fatores irão desde ter nascido em uma família pouco convencional na época, a possuir uma personalidade mais avançada e fora do padrão estabelecido, o que se percebe quando vemos como Nísia ansiava pela sua própria educação e intelectualidade, o que estava além do permitido e aceitado para as mulheres na sociedade oitocentista.

Vários acontecimentos convergiram na vida de Nísia Floresta para ela se converter em uma pioneira dos direitos femininos. Destacamos dentre eles, principalmente, a opressão que as mulheres sofriam com a mentalidade patriarcal, os preconceitos com as classes consideradas mais baixas, a escravidão no Brasil, a cultura da época, as amigas que Nísia cultivou durante a sua vida, especialmente a que manteve com Augusto Comte na França considerado criador do Positivismo e da Sociologia e que contribuiu com o pensamento da escritora e, por fim, as condições socioeconômicas e políticas do Brasil:

É sabido que o século XIX destacou-se principalmente por conter grandes e decisivas transformações de ordem política, social e econômica. O país dos primeiros anos 1800 estava fundamentalmente diferente em suas últimas décadas, pois havia superado não só diversos movimentos revolucionários como obteve independência, aboliu o sistema escravocrata e, por fim, proclamou a República (DUARTE, 2008, p. 31).

Nísia era uma escritora comprometida com as causas libertadoras, abordando assuntos polêmicos da época como escravidão negra e submissão feminina, como se reflexa em algum dos seus textos onde se posiciona perante o momento histórico por que passava seu país assumindo seus pontos de vista sem tremer.

Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), pode-se ler da mão de Nísia Floresta referindo-se à submissão feminina na sociedade patriarcal:

Que personagens singulares! (...) Exigir uma servidão a que eles mesmos não têm coragem de se submeter, (...) e querer que lhe sirvamos de ludibrio, nós, a quem eles são obrigados a fazer a corte e atrair em seus laços com as submissões as mais humilhantes (FLORESTA, 1989b, p. 41).

Já na obra *Páginas de uma Vida Obscura* (1855), Nísia faz referência à escravidão da época desta forma:

A escravidão (...) foi sancionada pelos mesmos homens, que tudo haviam sabido sacrificar para libertar-se do jugo de seus opressores, e assumirem a categoria de nação livre! Eles, que acabavam de conquistar a liberdade, não coravam de rodear-se de escravos! (FLORESTA, 1855).

O envolvimento e o posicionamento da autora com a situação do Brasil oitocentista se identificam assim nos seus escritos, sem covardia, deixando na História marcas da defesa da sua pátria e do oprimido.

Observa-se, deste modo, como o estudo da realidade socioeconômica e política do Brasil neste trabalho contribuíram amplamente na compreensão da personalidade da escritora:

Nos inícios do século XIX, o Brasil ficou sendo uma monarquia entre as diversas repúblicas na América latina. Com a presença do rei no Brasil houve uma expansão econômica ligada aos negócios do açúcar, do café e do tráfico de escravos nas áreas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Entretanto, em outras regiões do país, permanecia uma insatisfação com a corte que levou inclusive o Nordeste à República (FAUSTO, 1995, p. 146).

Foi essa mesma região nordestina que viu nascer à educadora e escritora Nísia Floresta e estudando esse contexto histórico pode se inferir o ambiente político dos primeiros anos da sua vida. O Nordeste se converteu em um centro de cultura e as ideias liberais e republicanas que ali floresciam marcaram e influenciaram o caráter da escritora desde a sua infância.

O pai de Nísia, Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, era um advogado português chegado ao Nordeste desde os primeiros anos do século XIX, um homem formado e de ideias liberais que foi duramente perseguido, como aqui nos relata a própria Nísia na obra *Conselhos a Minha Filha*, 1842.

(...) em 1824 o horror da guerra civil patenteou a meus olhos,  
destruindo incontinenti o repouso do meu querido pai!  
Por vezes vi-o a ponto de sucumbir ao golpe do assassino; por vezes a  
minha alma tremeu e detestou os homens cuja maldade sucumbia a  
inocência e a virtude, nesses calamitosos tempos de horror e de  
desolação (DUARTE, 1995, p. 21).

Devido ao processo político e à falta de segurança, a família de Nísia Floresta precisou mudar de moradia e de cidade várias vezes, até que no ano 1828 o seu pai veio a ser assassinado nas proximidades do Recife enquanto retornava a casa.

Nísia Floresta, na obra *Fragmentos de uma obra inédita* (2001), relata a respeito da morte do seu pai: “Esse advogado, que fizera triunfar o direito de seu pobre cliente,

alvo da injustiça atroz de um tal tirano, caiu de improviso sob os golpes de assassinos pagos por ele”.

“Os motivos do assassinato não foram claros. Teria sido por inveja dos poderosos de Olinda que não podiam tolerar aquele advogado agindo contra seus interesses” (DUARTE, 1995, p. 21).

A partir do ano 1822 e até 1840, existiu uma enorme flutuação política no Brasil, por uma série de rebeliões e por tentativas contrastantes de organizar o poder. Concretamente, no ano de 1824 destaca-se que a constituição sofreu algumas modificações até o fim do século.

Entre tais modificações, o Império teria uma nobreza, mas não uma aristocracia (não haveria mais a aristocracia de sangue); o poder legislativo seria dividido em Câmara (temporária) e Senado (vitalício) (FAUSTO, 1995, p. 151).

Nesse período da história, as mulheres encontravam-se excluídas dos direitos políticos pelas normas sociais e as lutas femininas se iniciaram no país pelas mãos de mulheres pioneiras como Nísia Floresta, que veio a publicar sua primeira obra, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832).

Fausto (1995) assinala que corria o ano 1825 quando a guerra entre o Brasil e Buenos Aires foi um desastre militar para os brasileiros, vencidos em 1827, assim como uma catástrofe financeira. Em 1829, a moeda brasileira se desvalorizou e a elite política se dividia entre liberais e absolutistas. No ano 1831, Dom Pedro abdica a favor do seu filho, Dom Pedro II.

O período regencial, antes de Dom Pedro II assumir seu poder – pois contava somente com cinco anos de existência – foi marcado por revoltas em várias províncias do país, como consequência de dificuldades e incertezas políticas sem resolver. Porém, os liberais promoveram a ascensão do rei ao trono aos 14 anos de vida, antes de chegar à maioridade.

Do ponto de vista socioeconômico, o Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, destaca-se pela produção do café e sua exportação.

Para implantar uma fazenda de café, o fazendeiro tinha de fazer investimentos significativos que incluíam a derrubada da mata, o preparo da terra, o plantio, as instalações e a compra de escravos (FAUSTO, 1995, p 186).

Assim, a compra de escravos estava “justificada” pelos senhores das fazendas que não prestavam uma sensibilização especial aos fatores humanos na hora de adquirir

vidas humanas. Fausto (1995) assim o justifica quando aponta que durante esse período boa parte da expansão do tráfico de escravos se deveu às necessidades da lavoura do café. Uma frase marcante nos círculos dominantes era: “O Brasil é o café e o café é o negro”. Mas, com a abolição da escravatura se mostrou que a produção do café não dependia do trabalho escravo, como se pensava na época.

Para Freyre (1957), a escravatura podia ser definida como uma instituição total, compreendida como uma reunião de diversas necessidades da vida social. E sempre acompanhando seu tempo, Nísia Floresta lutou também pelo fim da escravidão, como ficou registrado nos seus livros *A Lágrima de um Caeté* (1849) e *Opúsculo Humanitário* (1853), assim como nos artigos *Passeio ao Aqueduto da Carioca* (1840) e *Páginas de uma Vida Obscura* (1855):

Não são brilhantes feitos de um gênio e de façanhas ruidosas de um guerreiro que encadearão hoje a nossa admiração em torno de uma memória. (...) E sim uma vida de provanças, de abnegação completa, de dedicação sem exemplo, toda submergida em uma morte obscura! É a vida e a morte de uma desses seres, desprezados entre nós, a quem os homens martyrisão durante a vida, e a igreja nem uma oração consigna depois do passamento (FLORESTA, 1855, v. 1).

O fim da escravidão tornava ilegal a manutenção do escravismo no Brasil e foram necessárias novas leis para substituir a mão de obra escrava.

Surge também, como consequência, o movimento das grandes emigrações que trazem mão de obra europeia para trabalhar nas fazendas dos cafés, que se estendeu até inícios do século XX.

## **2.2. A condição feminina oitocentista**

Anteriormente, foi abordado o fato de a inserção da História intelectual feminina estar atrelada com a História dos Annales. Falar de história da mulher era, então, falar de “história da exclusão”. A produção da história da mulher se deu a partir de um conhecimento desconhecido e sob um olhar principalmente masculino. Estudando a condição feminina existiria, pois um ponto de vista feminino? A autora Mary Del Priore (1997) responde essa pergunta apontando que:

O ponto de vista feminino da história talvez esteja refletido na temática que historiadores optam por abordar [...] a história da

sexualidade, do corpo feminino, da casa, do trabalho doméstico, etc [...] espelham as preocupações e realidades de qualquer mulher, ontem ou hoje, na sua vida cotidiana (PRIORE, 1997, p. 10).

O estudo da vida cotidiana revelará para o pesquisador detalhes da condição feminina oitocentista.

Outra autora entrevistada na Revista História sobre a mesma temática foi a brasileira Raquel Soihet, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e professora titular da Universidade Federal Fluminense que atua em núcleos e grupos de pesquisa ligados à temática de gênero. A entrevista foi concedida por correio eletrônico a Natália de Santanna Guerellus em março de 2011. Raquel Soihet aponta que já desde muito jovem observava como:

As mulheres ocupavam espaços separados nas festinhas, com conversas sobre casa e crianças, enquanto os homens detinham-se nos assuntos “sérios” ligados aos negócios, à política, etc., quando não a contarem piadas das quais aquelas eram excluídas, era alguma coisa que muito me incomodava. E, impregnada dessas discordâncias quanto à divisão de papéis como algo definitivo e “natural”, fui percebendo o quanto as mulheres ficavam prejudicadas no desenvolvimento de suas potencialidades, especialmente nos planos intelectual e profissional (GUERELLUS, 2011, p. 121).

Neste item, a condição da mulher do século XIX, será pesquisada, através do estudo histórico propriamente dito, como de algumas obras literárias que revelam o ambiente e os cenários oitocentistas, detalhando situações das mulheres no âmbito doméstico e na vida pública. Será abordada a condição feminina da mulher do século XIX tanto do Brasil como da Europa pelas mãos de algumas autoras clássicas como, Heleith Saffioti (1934–2010), Michelle Perrot (1928–), Raquel Soihet (1938–), Mary del Priore (1952–), Nísia Floresta (1810–1885), Mary Wollstonecraft (1759–1797), Jane Austen (1775–1817), Virginia Woolf, assim como, a escritora feminista espanhola Concepción Arenal (1820–1893).

Estas autoras aportaram à pesquisa diálogos com mundo feminino, que contribuíram para a formação de cenários do dia a dia oitocentista. Notas biográficas mostraram os hábitos e atitudes destas mulheres na sociedade da época que serão analisados com o objetivo de compreender como foi construída a imagem da mulher em uma sociedade ainda, predominantemente, patriarcal.

Iniciando o percurso historiográfico da mulher na história da mão de Del Priore, observa-se que já desde a Reforma protestante e a Contra-Reforma católica, há mais austeridade nos costumes, se dá um tom severo nos discursos, e a mulher torna-se alvo preferido dos pregadores que subiam ao púlpito para acusá-la de luxúria.

Uma abundante produção de obras elogiosas encobria o pretexto de melhor domesticar a mulher dentro do casamento e para tal fim se fazia necessário eleger um modelo feminino de corpo obediente e recatado de carnes tristes (DEL PRIORE, 1997, p.16).

Nesse contexto, a mulher estava sujeita ao marido, devendo respeitá-lo e obedecê-lo, caso contrário, este poderia castigá-la como se merecia segundo a própria lei régia. O papel adjudicado à mulher foi a constituição da família, como eixo de difusão da fé católica, assim como o papel da mulher enquanto propagadora do catolicismo, que irá inspirar os pregadores coloniais.

Já Arceniaga (1724 apud DEL PRIORE, 1997, p. 18-19) afirmava e ainda reforçava a respeito: “seu principal cuidado deve ser instruir e educar os filhos cristãmente, cuidar com diligência das coisas da casa, não sair dela sem necessidade nem sem permissão do marido, cujo amor deve ser superior a todos, depois de Deus”.

Aparentemente elas têm uma casa a que governar, um marido a que satisfazer e uns filhos a que educar na virtude religiosa, mas na verdade o que elas possuem é um modelo de educação confundido com domesticidade, com servidão e com submissão patriarcal.

A autora e educadora nordestina, Nísia Floresta, passou trinta anos morando na Europa. Na sua obra *Opúsculo Humanitário*, faz uma interessante comparativa das mulheres europeias com as brasileiras:

[...] viu as mulheres europeias como úteis membros da sociedade, como magníficas educadoras dos jovens, tanto em casa como nas escolas, assim como companheiras inteligentes de seus maridos. Em contraste, as mulheres brasileiras não podiam comparar-se, nem na fortaleza de caráter nem na moralidade, com suas irmãs, europeias e norte-americanas, porque eram vítimas do preconceito e da opressão dum existência enclausurada, do analfabetismo e serviam só para a procriação (FLORESTA, 1989a, p. 32-33).

Pode-se dizer que a mulher brasileira, registrada pela autora, não tinha direito a uma vida própria, quanto menos a uma intelectualidade manifesta. Nísia ainda agrega:

“É partindo desta experiência que tiramos a conclusão de que, no Brasil, não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer publica, não for radicalmente reformado” (FLORESTA, 1989a, p. 111).

Nísia Floresta, ademais de formadora de opinião, é considerada a primeira feminista no Brasil, educadora pioneira da história oitocentista instaurando um dos primeiros colégios femininos no Rio de Janeiro, O colégio Augusto que será estudado no próximo item deste trabalho chamado: História da educação feminina no Brasil oitocentista. Sobre isso destaca Duarte:

A realidade educativa da mulher do século XIX estava baseada em adquirir conhecimentos para a realização dos serviços domésticos com eficácia, visto que as meninas que frequentavam os colégios geralmente ao completarem 13 ou 14 anos eram tiradas pelos pais, pois já estavam aptas o casamento (DUARTE, 1995).

Esses conhecimentos eram voltados exclusivamente para a aprendizagem das tarefas domésticas e dos cuidados do lar e do futuro marido e filhos, e nunca poderiam extrapolar para uma instrução intelectual.

No entanto, para Nísia a educação era a peça fundamental para o desenvolvimento da sociedade a partir do momento em que a mulher também fosse incluída na vida pública, uma vez que era esta quem criava e educava os “meninos”, futuros médicos, juizes e governantes do País.

“Ora, se a mulher tinha este papel tão fundamental e necessário porque então afastá-la da vida pública poupando-lhe a educação?” (FLORESTA, 1989a).

A mulher se converteria em uma ameaça para a sociedade patriarcal desde o momento em que adquirisse uma educação igual a do homem, pelo menos assim eles o manifestavam. Quando não, argumentavam que a mulher era inferior em natureza e não teria condições de receber instrução intelectual.

### **2.3. A mulher no âmbito doméstico**

A identidade da mulher oitocentista estava amplamente relacionada com o conceito de dona de casa perfeita e modelo esperado de boa educação, que não deve ser confundido com boa instrução, e assim a mulher construiu a sua vida em torno a esse ideal.

Nas palavras de Michelle Perrot (2006, p. 114), o trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas.

Discutir sobre a mulher no âmbito doméstico é de alguma forma nos remeter a uma parcela da sua vida privada. Mas o que seria essa noção de “privado”? O autor Philippe Ariès (2009), na sua obra *História da vida privada*, tenta responder a essa pergunta fazendo uma análise do indivíduo dos finais da Idade Média até aquele da época moderna. O autor aponta que com a chegada do século XIX a sociedade se torna mais anônima e as pessoas passam a se recolher junto à família, transformada em refúgio e centro do espaço privado.

“Notemos com tudo que, ainda no início do século XIX, principalmente nas classes populares e rurais, os tipos antigos de sociabilidade coletiva e comunitária persistiam, na taberna para os homens, no lavadouro para as mulheres, na rua para todos.” (ARIES; DUBY, 2009, p 10).

A autora britânica Virginia Woolf (1993), nos encaminha através da sua literatura na obra *Um Quarto próprio*, a conhecer a vida doméstica e privada da mulher e questiona severamente a falta de registro histórico no passado da mulher, neste caso, a mulher isabelina de classe média:

Ela jamais escreve sua biografia e raras vezes tem um diário de vida; somente nos resta apenas um maço de cartas como testemunho. Não há deixado comedias nem poemas para que a julguemos por eles [...] a que idade se casava? Quantos filhos tinha como média? Como era sua casa; tinha quarto próprio? Cozinhava? Era habitual ter empregada? Todos esses fatos devem estar extraviados em registros paroquiais e livros de contas, a existência cotidiana da mulher isabelina deve andar dispersa por muitos locais, e o desafio seria recolhê-la e escrever um livro (WOOLF, 1993, p. 48. Tradução livre).

Virginia Woolf (1993, p. 49) sempre intelectualmente comprometida no cotidiano feminino continua com sua reflexão: “nada se sabe das mulheres antes do século XVIII” e pergunta ao leitor: “Quantas mulheres tinham filhos antes dos 21 anos? Que faziam desde as oito de manhã até às oito da noite? É evidente que não tinham dinheiro e que eram casadas aos quinze ou dezesseis anos sem serem consultadas”. Já no século XIX – período de vida da própria autora –, a missão da mulher estava em servir e fortalecer a unidade familiar trabalhando dentro dos confins da esfera doméstica.

Michelle Perrot (2006), na sua obra *Minha história das mulheres*, descreve três tipos de figuras femininas do trabalho doméstico: a dona de casa de origem humilde, a dona de casa burguesa e a criada, que atualmente deu lugar à empregada doméstica. A primeira delas, a dona de casa dos meios operários é vista como núcleo do equilíbrio econômico e familiar e algumas delas vivem em uma pequena habitação, que tem dois cômodos e mais um cubículo para a cozinha. “Suas ocupações são o serviço de limpeza, e lavagem de roupas, as compras, a preparação das refeições, fazendo aquelas de custo mais barato. Ela mesma faz e conserta as roupas da família” (PERROT, 2006, p. 115-116).

Encontra-se retratada a mulher burguesa oitocentista dentro do âmbito doméstico também nas linhas de algumas obras literárias de autoras da época, como Jane Austen, Virginia Woolf, Concepción Arenal e Nísia Floresta.

A espanhola Arenal cita na sua obra *La mujer del porvenir. La mujer de su casa* (1895) uma jovem do século XIX que desde a infância apreende a governar a casa, mas salienta que não acha que saiba governar a casa quem não sabe governar-se a si mesma. E dentro desse mesmo raciocínio, assinala que a jovem não trata de adquirir conhecimentos se não habilidades e os poucos conhecimentos que adquiriu na infância e adolescência são esquecidos e não valorizados na idade adulta (ARENAL, 1895, p. 123).

A escritora inglesa de condição social nobre, Jane Austen, retratava com ironia os costumes sociais da época e defendia a educação da mulher, por cima dos deveres domésticos. No seu romance de fim do século XVIII início de século XIX, *Pride and Prejudice* (1813), expressa uma das maiores preocupações da mulher esposa e mãe de classe burguesa oitocentista, que era a de assegurar bons casamentos para as filhas.

Mulher burguesa que se prezara, mesmo sendo de classe média, organizava na sua agenda semanal um dia para receber visitas em casa. Tinha criada, pois o fato de não poder ser servido mostrava a decadência do status. Mas isso não a excluía das tarefas da casa, do cuidado do marido e da educação dos filhos, também realizadas pela dona de casa de operário, só que neste caso, ela contava com a ajuda da criada. A burguesa com um cotidiano mais voltado para a sociedade devia se mostrar útil à sociedade e de alguma forma, para isso, exercia tarefas de caridade:

Já as empregadas domésticas jovens e superexploradas com uma jornada de trabalho ilimitada, recebiam “retribuições” sujeitas a

descontos caso quebrassem louça ou estragaram roupas. Em troca de casa e comida, estas últimas, se alimentavam dos restos e dormiam em quartos frios onde facilmente se contagiavam de tuberculoses. (PERROT, 2006, p. 117).

Este panorama revelava-se pouco alentador para a mulher oitocentista seja qual fosse sua condição social, pois estava predestinada a uma vida dentro do âmbito mais absolutamente doméstico. Privada da liberdade de escolher uma vida pública, ou seja, de se inserir na sociedade e exercer algum cargo e muito menos a ter acesso à educação. E foram personalidades como Nísia Floresta que lutaram por esses direitos tanto desde o Brasil como desde a Europa usando seus escritos e discursos e mudando a história.

#### **2.4. A mulher na vida Pública**

No Brasil, a historiografia vem demonstrando que não é possível estabelecer um estereótipo comum de mulher para todo país e todos os períodos. Na família patriarcal, por exemplo, “o pater famílias autoritário, dominava tudo: a economia, a sociedade, a política, os parentes e agregados, os filhos e a esposa submissa” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 67).

Porém essa submissão não conseguiu a anulação da mulher, por trás dos bastidores. Mesmo dedicada e confinada à casa e à família, algumas mulheres lutavam pelos seus direitos, principalmente ao estudo e ao trabalho. Durante o século XIX, a urbanização, o aumento do processo comercial e industrial, junto com a necessidade da mulher de classe média de ganhar a sua própria sustentação, a povoação feminina começa a sair das suas casas familiares para se inserir na vida pública. Mas, ao mesmo tempo em que a sociedade precisava da inserção da mulher ao trabalho a excluía não a considerando cidadã. A mulher que trabalhava sofria todo tipo de preconceito social por ser considerada, pela sociedade patriarcal, como uma mãe que abandonava o lar e os filhos.

Saffioti (1969), na obra *A Mulher na sociedade de Classes – mito e realidade –*, retrata a condição social da mulher oitocentista no trabalho. E partindo da premissa que a mulher naquela época só consolidava sua posição social, sua estabilidade e prosperidade econômica a partir do casamento, poucas outras opções lhe restavam. “Assim, as mulheres se tornavam dependentes dos seus maridos e a obediência a ele era uma norma ditada pela tradição” (SAFFIOTI, 1969, p. 63).

A mulher, portanto, trabalhava para o homem em casa e não era retribuída. No primeiro terço do século XIX, aparece uma nova novela de aventuras escrita por mulheres na que os personagens femininos, como transunto da sua própria realidade, devem enfrentar-se ao espaço público “para reclamar sua autêntica identidade ou para limpar seu honor” (PÉREZ, 2010, p. 37). Este é um dos fatos que indica o movimento oitocentista que as mulheres promulgavam tentando se inserir na vida pública.

O assunto não se esgotou, como aponta Raquel Soihet (2007), e continuou até o século XX, como se pode conferir em 1989 na Revista Brasileira de Historia em que foi publicado um número inteiramente dedicado ao tema da Mulher, intitulado “A mulher no espaço público”.

## **2.5. História da educação feminina oitocentista**

Os homens eram instruídos, para desenvolver o intelecto, porém as mulheres eram educadas – e não instruídas – para formar o caráter. “Não se considerava o desenvolvimento intelectual das meninas como benefício em si mesmo nem como meio de realização da personalidade individual” (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 11).

Ao modo de resultar mais didáticos, divide-se este item em duas partes, a primeira abordará a história educativa feminina oitocentista no Brasil e a segunda estudará a história educativa feminina oitocentista na Europa.

A história da educação da mulher no século XIX no Brasil pode ser melhor compreendida se remontarmos a alguns acontecimentos do século XVIII:

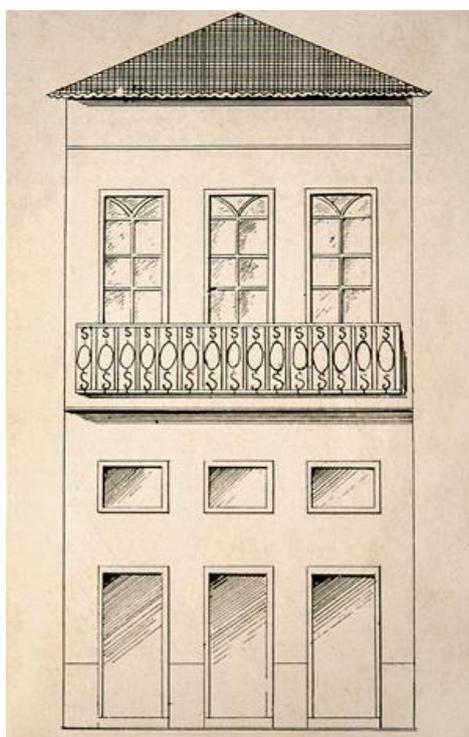
Os jesuítas monopolizaram a educação brasileira até 1795, não se preocuparam com a educação da mulher nas suas escolas de educação formal, sendo a educação da mulher para os afazeres do lar. Para a mulher a educação era para que estas possuíssem boas maneiras e prendas domésticas, a mulher era então excluída do processo de educação formal, principalmente da aprendizagem da leitura e da escrita. (SAFFIOTI, 1969).

O gênero feminino era, pois, instruído, ou seja, recebia uma educação moral para poder repassar para os filhos, já que a mulher era considerada esposa e mãe sustentadora do lar. Considerava-se no período oitocentista que a mãe era a responsável por fazer dos seus filhos homens bons ou maus dependendo da conduta e dos sentimentos delas.

De acordo com a sociedade brasileira da época, a mulher deveria ter como modelo a virgem Maria e não podia esquecer que estava marcada pelo pecado original. Por isso estava justificado que fosse vigiada pelos homens da família. Como consequência vivia sem liberdade, privada de livre arbítrio e sufocada enquanto a sua individualidade.

Diante desse cenário, o casamento e a maternidade eram a salvação feminina sempre e quando a mulher vivera de acordo com a moral cristã (ALMEIDA, 2007). “O melhor ensino da moral é a pratica da virtude; e a virtude deve ser ensinada antes pelo habito que pelo raciocínio. [...] e cabe à mãe compartilhar com o professor o cuidado da educação moral do menino” (ALMEIDA, 2007, p. 446).

No ano 1827, Dom Pedro I assinou a primeira legislação no Brasil relativa ao acesso das mulheres à escola, mas ainda não era permitida a entrada das meninas as escolas avançadas. Onze anos após dessa primeira legislação, Nísia Floresta lutou pela igualdade da educação dos gêneros e instaurou a primeira escola de educação científica para meninas no Rio de Janeiro: o Colégio Augusto.



**Figura 1.** Fachada do Colégio Augusto.  
**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

Ser escritora e educadora numa época em que as mulheres viviam em plena repressão patriarcal, distantes de qualquer assunto que não fora dentro do ambiente doméstico ou que exigisse uma reflexão mais profunda não era tarefa fácil. Mesmo assim, Nísia Floresta foi uma dessas mulheres e pioneira quando no ano 1838, fundou o Colégio Augusto no Rio de Janeiro, com uma inovadora proposta pedagógica para meninas que oferecia uma educação própria de um público masculino, algo totalmente impensável para a época.

Martins (2010, p. 239) aponta que a educadora foi muito criticada e, por causa da sua proposta, sofreu preconceito social e até uma campanha contrária da imprensa carioca, que fazia duras críticas às propostas pedagógicas de seu colégio, por considerar desnecessárias as disciplinas ensinadas nele. Ainda continua dizendo que Nísia tinha vários livros publicados no Brasil e na Europa e que sua produção literária levantou questões consideradas tabus por aquela sociedade, como a defesa dos direitos femininos. Tema incômodo, já que estamos tratando de uma sociedade patriarcal que negava à mulher o direito a qualquer tipo de ascensão social.

Os melhores colégios da Corte não abriam espaço para a educação feminina, como é o caso do Colégio Pedro II, fundado sessenta dias antes do Colégio Augusto e que proporcionava uma educação exemplar aos seus alunos. Vera Andrade (1999), ao analisar a história desse colégio, trata das condições sociais em que viviam as mulheres no Império, o que talvez explique o desinteresse das autoridades pela sua educação.

A educação durante a monarquia estava ligada ao desempenho dos papéis sociais. Enquanto a educação masculina era direcionada para o exercício da cidadania e das funções públicas, a educação feminina estava voltada para as funções familiares e para a maternidade. A sociedade era pensada a partir da célula familiar e a vida social funcionava como uma ampliação da vida doméstica. No quadro das relações sociais patriarcais, aos homens cabia formar e dirigir os núcleos familiares através da procriação, sustentação e proteção; o lugar do homem era o de administrador dos espaços privados e públicos, do micro ao macro espaço sócio-político-econômico.

“Às mulheres cabia o papel de reprodutoras da linhagem das famílias e zeladoras do lar; o lugar da mulher era o de esposa e mãe no âmbito doméstico e familiar, e, de forma complementar, de dama da sociedade” (ANDRADE, 1999, p. 140).

Deste modo, do ponto de vista do período, por que a mulher deveria receber uma educação igual ao homem? O papel da mulher não precisava dessa formação, era

claramente um papel destinado a ser mãe, cuidadora do lar e dama da sociedade. Nunca em qualquer caso, precisaria de uma educação mais completa.

A própria Nísia Floresta, defensora dos direitos do gênero feminino, também acreditava que a mulher que era mãe devia ser educada para que pudesse educar seus filhos, mas não deixou de privilegiar sua luta pela mulher intelectualizada e versada para uma vida pública:

Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência [...] Eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens. (FLORESTA, 1989b, p. 73).

Logo, Nísia concluía que, para a mulher conseguir se inserir na vida pública precisava num primeiro momento de ciência, ou seja, de educação, de instrução:

O Colégio Augusto era o primeiro grande passo concreto, de fato para aproximar as mulheres dessa nova realidade – uma mulher educada na ciência – com uma proposta de ensino inédita para meninas que abarcava disciplinas como Latim, Francês, Italiano, Inglês, Literaturas, Geografia, História do Brasil e Educação física. Tudo isso com limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade de ensino. (MARTINS, 2010 p. 240).

É inegável o sobre-esforço que uma mulher como Nísia Floresta teve que realizar para fundar e dirigir um colégio dessas características no século XIX no Brasil. Outras escolas para meninas surgiram paralelamente no país, mas não podiam ser comparadas na qualidade de ensino que Nísia oferecia.

Entretanto, nos principais países da Europa entre 1780 e 1880, estava sendo instaurado um ensino primário e secundário para meninas. O domínio da leitura e da escrita foi um primeiro passo relativamente rápido e a alfabetização não parou de crescer (HOOCK-DEMARLE, 1994). Na Alemanha, em certas regiões do Norte já em fins do século XVII, a taxa de escolarização de meninas era dos 85% ainda segundo o autor. Mas, esta escolarização era muito básica, restrita a apreender as primeiras letras, e não a uma educação mais ampla ou igual àquela oferecida aos meninos. As mulheres alemãs puderam entrar nas universidades e obter diploma somente depois do ano 1900.

Era evidente uma incoerência no período ao respeito da educação feminina. A mulher podia aprender a ler e escrever, no entanto, tudo o que fosse para além disso a convertia numa ameaça para a sociedade europeia.

A partir de então, as mulheres entenderam que para alcançar uma formação menos limitada e mais estruturada deveriam estudar sozinhas de forma autodidata e claramente à margem da escola oficial. A maioria das vezes esses estudos se davam a escondidas dos próprios maridos.

Lembra-se aqui da obra de Virginia Wolff *A Room of One's Own* (1929), onde a escritora e ensaísta britânica trata o feminismo de forma leve, mas retrata com firmeza o cotidiano difícil de uma mulher do século XIX. Mulheres intelectuais, porém subjugadas a uma sociedade patriarcal e submetidas a tarefas domésticas:

[...] Não pude deixar de pensar, enquanto olhava as obras de Shakespeare na prateleira, que o bispo não tinha razão: teria sido impossível, completamente impossível, que uma mulher tivera escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare. Permitam-me imaginar, já que é tão difícil descobrir fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos, Judith. Sua extraordinariamente dotada irmã, suponhamos, permanecia em casa. Era tão audaciosa, tão imaginativa, tão ansiosa por ver o mundo quanto ele. Mas não foi mandada à escola. Não teve oportunidade de aprender gramática e lógica, quanto menos ler Horácio e Virgílio, pegava um livro de vez em quando, talvez um de seu irmão e lia algumas páginas. Mas nessas ocasiões os pais entravam e lhe diziam que fosse remendar as meias ou cuidar do guisado, e que não andasse no mundo da lua com livros e papéis. (WOOLF, 1993, p. 49-50. Tradução livre).

Woolf (1993) levantava a questão de a mulher ser tão intelectualizada e curiosa como qualquer homem, porém não tinha acesso à escola e tinha que ler e estudar a escondidas entre labor e labor do lar. E era esse o panorama oitocentista que Virginia Woolf e as suas contemporâneas enfrentaram e que começaram a combater através principalmente de obras como essa onde manifestavam pela escrita sua repudia a sociedade do seu tempo.

Nísia Floresta começou essa luta com 22 anos quando escreveu sua primeira obra, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), sobre a opressão feminina fazendo uma tradução livre de *Vindication of the Right of Woman* (1792), da escritora feminista inglesa Mary Wollstonecraft. A obra denuncia o modo de vida das mulheres do período e a falta de direitos das mesmas em relação aos homens:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens... Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar. (FLORESTA, 1989b, p. 35).

Esta obra causou mal-estar na sociedade brasileira e, com o tempo, Nísia foi ficando sem espaço para escrever. A escritora acabou saindo do Brasil e indo morar na Europa, aparentemente por motivos de saúde da sua filha e acabou permanecendo 30 anos no velho continente.

Esse tempo na Europa propiciou a Nísia conhecer bem a educação europeia e pode fazer uma comparação com a educação do Brasil. Essa perspectiva comparada fica registrada na obra *Opúsculo humanitário* (1853).

Como aponta Sharpe-Valadares (1989, p. 20-32), na própria introdução da obra, editada no Rio de Janeiro, contava com 178 páginas e mais uma errata no final. A publicação desse livro tinha como foco principal o debate sobre a inferioridade feminina. Contribuiu também com assuntos como as condições universais da mulher através da História; a superioridade da educação da mulher europeia; a situação da mulher no Brasil; recomendações para mudar essa situação; e finalmente uma expressão de esperança para o futuro:

Nísia na obra retrata uma mulher europeia útil à sociedade, magnífica educadora dos jovens tanto dentro do lar como nas escolas, assim como companheiras inteligentes dos seus maridos. Entretanto, as mulheres brasileiras não podiam comparar-se nem na fortaleza de caráter nem na moralidade, com suas irmãs europeias e norte-americanas, porque eram vítimas do preconceito e da opressão numa existência enclausurada, do analfabetismo, e serviam só para a procriação. Reveladoras das atitudes prevalecentes à época são estas palavras de um ex-governador da província de Minas: “deve-se ensinar as meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem que ser criada de si e de seu marido”. (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 32).

O trecho salienta como a escritora mostra seu conhecimento pelos dois continentes em relação à situação educativa da mulher. Na opinião de Nísia, as inglesas eram as mais distinguidas europeias, pois, segundo ela pela sua força e convicção de

individualidade. Enquanto que as brasileiras eram fechadas baixo chave pelos homens, segundo o costume muçulmano herdado dos portugueses, e abandonadas a mais absoluta ignorância do saber, as inglesas não foram vigiadas na ausência de pais e esposos. Existia um ambiente de maior liberdade e individualidade da mulher.

Ainda Sharpe-Valadares (1989, p. 35) acrescenta um dado representativo da condição educativa no Brasil quando diz que em tanto que se preparava a publicação da obra *Opúsculo Humanitário*, no ano de 1852, dos 55.500 jovens que estavam matriculados no Brasil, somente 8.443 eram mulheres instruídas em escolas de precárias condições.

Pelos dados, pode-se observar que a educação brasileira era deficiente desde a sua estrutura mais elementar. Nísia Floresta pensava que o sistema inglês tinha os princípios fundamentais que poderiam servir de método para reformar o sistema educativo brasileiro. Um dos objetivos principais desta educação seria uma educação religiosa-moral. Ensinar as mães a instruir os seus filhos e a assumir os seus deveres naturais de mães.

### 3. BIOGRAFIA E FACES DE NÍSIA FLORESTA

*Quando contamos uma biografia intercedemos nos leitores, futuros conhecedores da personalidade apresentada e provocaremos também, reflexões historiográficas.*  
– Vilas Boas, 2008

#### 3.1. Reflexões sobre a escrita biográfica

Quando um autor estabelece para si mesmo o desafio de escrever uma biografia, por mais breve que esta seja, provocará reflexões historiográficas, tal como Vilas Boas (2008, p 20) revela no epígrafe inicial deste capítulo. Acreditamos ser também imprescindível o estudo e a imersão no contexto histórico da época da personalidade biografada, daí a razão pelo capítulo anterior. Não vemos como seria possível de outra forma entender as atitudes, os sentimentos, os conflitos e, ainda, no caso da Nísia Floresta, sobretudo, as suas lutas e reivindicações, desconsiderando o contexto em que a autora viveu.

Assim, torna-se relevante antes da escrita, da leitura ou da análise de qualquer biografia refletir sobre alguns pontos críticos: 1. O biografado não é um ser isolado do seu tempo, daí a necessidade do levantamento do seu contexto histórico; 2. Os biógrafos também se revelam ao longo dos seus textos, já que a escolha da personalidade que será estudada por eles poderia já indicar de alguma forma, conexões com a sua própria autobiografia<sup>10</sup>, seus interesses e até afinidades com a figura retratada iniciando ao longo do texto um diálogo entre ambos; 3. Não existe verdade absoluta escrita sobre uma pessoa em biografia qualquer, pois a verdade está restrita às próprias limitações dos historiadores. Existem algumas premissas apontadas por alguns autores sobre esse assunto:

Chame-se romanceada, moderna, literária ou histórica, a biografia – é isso se nos afigura essencial – terá de subordinar-se às limitações impostas por aquelas características de submissão à verdade, à exatidão, ao sentimento de justiça, que lhe são inerentes, sob pena de deixar ser biografia. (VIANA FLIHO, 1945, p. 15).

---

<sup>10</sup> Leia-se a Narrativa autobiográfica na Introdução deste trabalho a modo de exemplo.

Acontece que quando relatamos uma biografia intercedemos nos leitores, futuros conhecedores da personalidade apresentada e provocaremos também, reflexões historiográficas.

Vilas Boas (2008, p. 20) afirma que a narração biográfica promove um intercâmbio de saberes diversos.

Existem várias classificações para os trabalhos biográficos:

Ora chamamos biografia a simples numeração cronológica de fatos relativos à vida de alguém; ora usamos a mesma expressão para trabalhos de crítica nos quais a vida do biografado surge apenas incidentalmente; ora a empregamos em relação a estudos históricos em que as informações sobre certa época se sobrepõem às que se referem ao próprio biografado; ora a emprestamos às chamadas biografias modernas ou romanceadas. E até obras em que a fantasia constitui o elemento essencial da narração aparecem com rotulo idêntico. (VIANA FLIHO, 1945, p. 11).

Dentre as várias opções e *modus facendi*<sup>11</sup> de relatar uma história de vida em estudo, conclui-se que a biografia contada deveria nos proporcionar principalmente uma descrição detalhada do biografado, contudo sempre imersa no seu contexto histórico de forma indissociável. Bem como, considerar que “O papel de uma biografia é apresentar um ser humano, com qualidades e defeitos, singularidades e contradições, sucessos e fracassos” (NONATO, 2010, p. 26).

Porém, observa-se uma tendência de alguns autores a exaltar as qualidades dos seus biografados como se tratasse de um ídolo, recusando-se a relatar o cotidiano da personalidade e as suas fraquezas, o que impede uma verdadeira análise mais isenta da biografia e uma aproximação, identificação e diálogo do leitor com o próprio biografado que às vezes, poderia surgir:

Quando examinamos o material sobre como autores avaliam seus biografados, o que nitidamente mais sobressai é a preocupação dos biógrafos em justificar seu herói por meio de superlativos discriminatórios. (LOWENTHAL, 1961, p. 115).

Escolheu-se aqui, logo, uma escrita, a mais técnica e objetiva possível, procurando incorporar detalhes dos bastidores sejam da própria personalidade de Nísia

---

<sup>11</sup> Do latim: modo de fazer ou de proceder.

Floresta como da sociedade que permeava a vida contada, mas buscando interceder o menos possível na história.

Desta maneira, procurando levar em consideração da melhor forma possível, estas variáveis, analisar-se-á, juntamente à biografia de Nísia Floresta, também as suas obras escritas como parte dessa pesquisa biográfica, uma vez que nas obras a autora reflete a presença dos seus sentimentos, pensamentos e traços intelectuais.

### **3.2. Nísia Floresta: aspectos iniciais**

No início do século XIX, surgiu a que seria considerada a primeira representante feminista brasileira, Dionísia Gonçalves Pinto, que mais tarde se chamaria Nísia Floresta Brasileira Augusta, Nísia diminutivo de Dionísia, Floresta, para lembrar o sítio Floresta, Brasileira, como afirmação do seu sentimento patriota a sua terra natal, e Augusta, como homenagem ao seu companheiro e pai dos seus filhos, Manuel Augusto.

Esta transformação e adaptação voluntária do seu próprio nome remetem a uma análise da moderna pesquisa sobre as conexões entre Linguagem e Mito do autor Ernst Cassirer, filósofo alemão de origem judaica. Cassirer (1992) estuda a função e a lógica específica dos conceitos primários de linguagem e do mito. O autor aponta na sua obra que o nome nunca é mero símbolo fazendo parte da personalidade do portador.

“Que o nome surja como representante da pessoa, que pronunciá-lo equivalha a chamar a existência presente, que seja temido porque é um ser real, que se deseje conhecê-lo porque contém poder, tudo isto” (CASSIRER, 1992, p. 71).

E no caso de Nísia pode se constatar como ela faz uma composição do seu nome a partir da sua própria história de vida e que, por sua vez, representa a realidade tangível imediata da sua personalidade. Uma mulher preocupada e sensibilizada com as injustiças que aconteciam na sua época e que atentavam, entre tantas ocorrências, à intelectualidade do gênero feminino.

Como já estudamos no capítulo anterior, no século XIX, o Brasil estava inserido em um regime escravocrata e patriarcal, um contexto de antagonismos e desigualdades, e foi nesse período que nasceu a nossa biografada, no interior do Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810:

Nesse período a crianças nascidas brancas e de famílias abastadas brincavam a serem mães, refinando-se para o destino de “dama da

sociedade”. A infância de Nísia já ficou marcada pela Revolução de 1817, em um clima de revolta de proprietários rurais, do clero e de comerciantes, contra militares e portugueses vinculados ao comércio de importação e exportação, em um período de instabilidade econômica pelo qual passou Pernambuco, devido ao mau desempenho da indústria açucareira. (BARBOSA, 2006, p. 11).

Nísia Floresta era filha do polifacético Dionísio Gonçalves Pinto, escultor e advogado português com um vasto conhecimento literário e de Antônia Clara Freire, jovem viúva, descendente das primeiras famílias brancas da região e que já tinha uma filha, Maria Izabel, do seu primeiro casamento.

Na época oitocentista era comum a mulher casar-se muito nova, inclusive antes de alcançar a plena maturidade sexual. Nísia não foi exceção e com apenas 13 anos é obrigada a se casar com Manuel Alexandre Seabra de Melo, um rapaz pouco culto que era dono de grandes extensões de terra. Corria o ano de 1823 na cidade de Papari.

Mas, no mesmo ano, Nísia o abandona e volta a morar com seus pais. Foi este ato um proceder corajoso para a moral da época, pois uma mulher não abandonava o homem a quem lhe devia respeito e obediência “até que a morte os separarem”, e dificilmente os pais desta a receberiam após o abandono a seu marido, conforme valores da sociedade oitocentista.

Barbosa (2006, p. 13) aponta que: “e, como não podia deixar de ser, tal atitude trouxe consequências. Enfrentou preconceitos, foi chamada de adúltera e ‘caiu na boca do povo’”.

Manuel Seabra, o marido abandonado, inconformado com a separação, iria perseguir Nísia Floresta durante alguns anos, ameaçando processá-la por abandono de lar e, posteriormente, por adultério. Pode-se, aqui, desta forma, perceber a personalidade à frente do seu tempo tanto da Nísia como dos seus pais ao recebê-la e acolhê-la de volta a casa.

A família de Nísia, em 1824, decide mudar-se para Pernambuco e residir primeiro em Goiana, depois em Olinda e Recife devido às ameaças que o pai de Nísia sofria dentro das diversas tentativas separatistas de caráter republicano ocorridas no Nordeste<sup>12</sup>. Inicia, aqui, o que será para Nísia Floresta uma vida de viajante que irá até o final da sua existência. E foi na cidade de Goiana que Nísia encontrou o universo dos livros:

---

<sup>12</sup> Revolução dos 1817 e Confederação do Equador de 1824.

Numa época em que poucas escolas existiam e nem era obrigatório que crianças estudassem, os meninos e as meninas de famílias tradicionais recebiam instrução em casa mesmo, por intermédio de um tutor ou nos internatos religiosos. Em um desses na cidade de Goiana, sempre incentivada pelo pai, Nísia conheceu a cultura europeia, através da biblioteca do Convento das Carmelitas, que funcionava desde o século XVII. Nele, moças da elite tornavam-se prendadas nas artes dos trabalhos manuais e do canto. Goiana foi também o local onde Nísia ouviu e travou contato com as ideias liberais que a caracterizaram por toda a vida. (BARBOSA, 2006, p. 12).

Desta forma, e sempre com o apoio do pai, Nísia se converteu em autodidata e surpreendeu com seu conhecimento e habilidade na escrita, aliás, uma escrita forte, convincente e argumentativa como se descobriu poucos anos depois com a sua primeira obra, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832).

Em 17 de agosto de 1828, próximo de Nísia festejar os 18 anos, foi assassinado o seu pai nas proximidades de Recife, depois de obter sucesso na causa de um cliente. Segundo a própria Nísia, os responsáveis seriam os poderosos de Olinda que não toleravam um advogado agindo contra seus interesses e defendendo os mais desfavorecidos. A escritora deixa registrado este difícil momento da sua vida no livro *Fragmentos de uma obra inédita: Notas biográficas*, de 1878:

(...) Déspota brutal que exercia naquele tempo as prerrogativas de um título já caduco, o qual lhe dava, porém, como a muitos outros, a oportunidade de satisfazer impunemente os ferozes instintos de sua natureza, dissimulava havia algum tempo seu rancor contra o digno advogado que tivera a coragem de defender a causa de um infeliz pai de família que seu despotismo oprimia, e de enfrentar, com isso, o terror que seu nome inspirava. (FLORESTA, 2001, p. 51).

No ano da morte do pai, entrou na vida de Nísia quem seria o amor da sua vida, o acadêmico da Faculdade de direito, Manuel Augusto de Faria Rocha, nascido em Goiana, e foram morar juntos. Novamente com esse ato a escritora deveria enfrentar duras críticas do povo, pois naquela época era inamissível uma mulher ir viver com um homem, sem antes ter tido contraído matrimônio. Não se sabe como as críticas podem ter repercutido no seu caráter e na sua vida, mas o que, sim, pode-se afirmar é que Nísia mostrou, mais uma vez, sua coragem para assumir da forma que desejava sua relação amorosa enfrentando a sociedade patriarcal que a envolvia.

### 3.3. O que é uma mulher?

Corroborar-se através da vida da Nísia-escritora, como a sociedade oitocentista era patriarcal, logo difícil para conciliar uma vida livre de ataduras e pressões masculinas para as mulheres com perspectivas de crescer intelectualmente e estarem presentes na vida pública.

Essas ataduras e pressões patriarcais que o gênero feminino sofria se davam na sua vida doméstica, no seu dia a dia e se estendiam a sua vida sexual, como se reflete também no livro, *Histórias íntimas* da autora Mary Del Priore (2011), quando se refere às relações íntimas entre homens e mulheres da época:

O sexo admitido era restrito exclusivamente à procriação. Era proibido evitar filhos, gozando fora do “vaso”. Era obrigatório usar o “vaso natural” e não o traseiro. Era proibido à mulher colocar-se por cima do homem, contrariando as leis da natureza. Afinal, só os homens comandavam (...) Controlado o prazer, o sexo no casamento virava débito conjugal e obrigação recíproca entre os cônjuges. Negá-lo era pecado, e não ser que a solicitação fosse feita nos já mencionados dias proibidos, ou se a mulher estivesse muito doente. Dor de cabeça, não valia (DEL PRIORE, 2014, p. 43).

O conceito de “vaso” também será utilizado por Sigismund Schlomo Freud (1856–1939) depois inclusive do período nisiano referido a mulher e perpetuando-se este conceito (PERROT, 2006).

“A mulher era um ser em concavidade, esburacado, marcado para possessão, para a passividade (...). A mulher não era mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente” (PERROT, 2006, p. 63).

A Igreja também exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina e ainda argumentava para justificar a repressão da mulher que:

O homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na Epístola aos Efésios, não deixa dúvidas quanto a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos.” De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição a pagar eternamente o erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (ARAÚJO, 2015, p. 46).

Desta forma, observa-se que a mulher era concebida como um animal pecador imperfeita, criada a partir da costela de um homem. Logo a luta pelos seus direitos seria um duro caminho a ser percorrido. Entretanto, as injustiças perante o gênero feminino continuavam.

Segundo aponta ainda Del Priore (2011), durante o século XIX, não havia punição às infidelidades por parte dos homens casados. Ademais, existia um alto nível de violência nas relações conjugais. Não só de violência física como de abandono, desprezo ou malquerer. Os casamentos eram feitos por interesses econômicos e não por afinidade e atração sexual. Além disso, a mulher casada não se perfumava mais, vestia-se de preto e se abandonava fisicamente.

Contudo, no meio dessa realidade, a escritora, dois anos depois (1830) da sua união com Manuel Augusto que não foi consumada pelo casamento vigente pelas leis brasileiras do período, teve a sua filha, Lívia Augusta de Faria Rocha, que seria a grande companheira de viagens pela Europa de Nísia e tradutora das suas obras.

No ano seguinte – 1831 –, começa a surgir a escritora Nísia, com a sua colaboração durante 30 números no *Jornal Espelho das Brasileiras*, dedicado às senhoras pernambucanas. O jornal pertencia ao tipógrafo, redator e jornalista francês Adolphe Emile de Bois Garin e Nísia contribui com artigos que tratavam da condição feminina em diversas culturas.



**Figura 2.** Jornal Espelho das Brasileiras nº 29, 1831.

**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

Nesse mesmo ano, nasce o segundo filho da autora, morto prematuramente. A sua atividade com a escrita já é imparável a essas alturas da sua vida e Nísia publica

com 22 anos, seu primeiro livro, resultado de uma tradução livre do *Vindication of the rights of woman* da autora inglesa Mary Wollstonecraft<sup>13</sup> (1759–1797).

Nesta obra, Nísia mantém o cerne do texto original em que a autora reivindicava igualdade das mulheres terem boa educação:

Homens e mulheres são diferentes no corpo, mas isto não significa diferenças na “alma”. As desigualdades que resultam em inferioridade, argumenta, resultam da educação e das circunstâncias de vida. As mulheres não são inferiores quanto ao “entendimento” à “competência”, ao saber ou a aprendizado. Desempenhando tarefas de procriação, são essenciais ao “Estado Social” (FLORESTA, 1832, p. 10).

A escritora nesta obra, pioneira para a época no Brasil, levanta questões que incomodam e ameaçam o patriarcalismo estabelecido. Nísia, também, além de contextualizar as distintas realidades entre mulheres europeias e brasileiras, desafiava aos homens a argumentar porque as mulheres eram impedidas das cátedras universitárias, do exercício da medicina ou da advocacia e finalizava afirmando que as mulheres eram de fato tão capazes ou mais que os homens.

Publicações como estas no século XIX supunham uma verdadeira sublevação social e criaram, não poucos, desafetos para a escritora, mas também muitos admiradores e adeptos.

Durante esse mesmo ano da publicação, Nísia transfere-se a Porto Alegre com seu companheiro que já tinha finalizado seu bacharelado de Direito, sua filha, suas irmãs e sua mãe.

Em 12 de janeiro de 1833, nasce seu filho Augusto Américo de Faria Rocha. Curiosamente o dia do nascimento é o mesmo que o do nascimento da sua filha três anos antes. E, novamente, Nísia enfrentara uma difícil ausência quando no dia 29 de agosto desse mesmo ano, o seu companheiro perde a vida inesperadamente aos 25 anos. A escritora permanecera em Porto Alegre cuidando dos dois filhos muito pequenos e se dedicara também ao magistério na mesma cidade durante esse período.

---

<sup>13</sup> Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa, filósofa e defensora dos direitos das mulheres durante o século XVIII. O trabalho mais conhecido de Mary Wollstonecraft é *A Vindication of the Rights of Woman* (1792). Ela sugere na obra que tanto os homens como as mulheres devem ser tratados como seres racionais e concebe uma ordem social baseada nessa razão.

Mas no ano de 1837, com a revolução Farroupilha, o clima na capital gaúcha não é o ideal para uma mulher-chefe de uma família composta somente de crianças e mulheres e, desta forma, Nísia decide mudar-se para o Rio de Janeiro.

Apesar de todas as vicissitudes que acompanham sua vida resultado de uma época assentada, entre outras, na discriminação intelectual da mulher, Nísia não perdia seu foco e continuava na sua luta particular na defesa dos direitos das mulheres.

### **3.4. Nísia educadora**

Em 31 de janeiro de 1838 publica-se no *Jornal do Comércio* uma nota sobre a abertura e inauguração do Colégio Augusto, em homenagem ao companheiro da escritora. Um colégio para meninas onde poderiam receber uma educação igual ou superior a dos homens do período. Novamente nesta ocasião Nísia era pioneira do seu tempo já que no século XIX somente estrangeiros possuíam instituições de ensino.

A nota escrita pela mão da própria Nísia dizia:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na rua Direita nº 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação domestica de uma menina, ensinar-se a gramatica da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais de geografia. Haverá igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna de árdua tarefa que sobre si toma. (...) (BARBOSA, 2006, p. 25).

A abertura do colégio não foi bem recebida pela sociedade patriarcal oitocentista, que novamente se sentia ameaçada ante a possibilidade das mulheres serem instruídas e Nísia, novamente, sofreu duras críticas na imprensa, algumas delas com ataques a seu próprio pundonor.

Nesse período, mulheres eram educadas, mas jamais instruídas e, como aponta Louro (2015 p. 446), para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses

menores de instrução. O pensamento patriarcal era: para que “mobilier” a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, uma vez que seu destino era ser esposa e mãe?

Apesar dessa corrente de pensamento social, Nísia Floresta durante a sua estância na cidade carioca, além de dirigir o Colégio desenvolveu uma intensa movimentação política e literária em defesa de vários tipos de liberdades, foram estas: liberdade das mulheres, dos escravizados, da escolha da religião e da república.

O contexto social educativo quando o Colégio de Nísia foi inaugurado segundo Louro (2015) era:

O discurso sobre a importância da educação na modernização do país era decorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus. Os anos passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta (LOURO, 2015, p. 444).

As escolas existentes eram para meninos, algumas também para meninas fundadas por ordens religiosas, mantidas por leigos onde as meninas e meninos aprendiam ler, escrever, contar, saber as quatro operações básicas e a doutrina cristã. Já os meninos eram instruídos também para geometria e as meninas para bordado e costura. Já para a população de origem africana, ser escravo significava não poder receber educação, como acontecia com os indígenas.

Com esta panorâmica educativa Nísia se envolveu na defesa dos direitos a educação dessas desfavorecidas camadas sociais.

Em 1839 já estava a venda a terceira edição do seu livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* o que mostrava que o trabalho de Nísia estava dando seus resultados.

A escritora publica a obra *Conselhos à minha filha*, dedicado à sua filha Lúvia que comemora 12 anos no ano de 1842 e haverá uma segunda edição no ano 1845.

No Rio de Janeiro, o *Jornal do Comércio* publica uma nota em 18 de dezembro de 1846, com a lista de alunas que receberam menções honrosas do Colégio Augusto. O nome da filha de Nísia, Lúvia Augusta de Faria, será uma das premiadas em latim.

Em 23 e 24 do mesmo mês e ano, várias críticas anônimas ao Colégio aparecem julgando as propostas educacionais da instituição inadequadas para meninas. No *Jornal*

*Mercantil* se ironiza o fato do colégio administrar latim na sua grade curricular. No mesmo ano, três publicações são oferecidas e dedicadas às alunas do Colégio.



**Figura 3.** Lista das alunas do Colégio Augusto que receberam menções honrosas no fim do ano letivo de 1846, no “Jornal do Comércio”: o nome da filha de Nisia Floresta, Livia Augusta (no destaque), indica que ela foi uma das premiadas em latim.

**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

No ano de 1847, Nisia encerra o ano letivo no Colégio Augusto com um discurso às suas alunas, publicado no livro *Discurso que às suas Educandas Dirigiu Nisia Floresta Brasileira Augusta*.



Pernambuco do mesmo ano. Anos depois o livro, em 1860, também veio à luz na Itália, mas no Brasil este livro só foi reeditado em 1938.



**Figura 5.** Capa do livro *A lágrima de um caeté*, 1849.  
**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

Anterior à publicação da obra *Nísia Floresta*, já oferecia conferências públicas pelo país onde sem medo e com uma postura firme mostrava a realidade da sociedade escravocrata vigente:

Olhando para a política do seu país ainda escravocrata, em 1842, tentou umas conferências públicas que aliás foram concorridas pelo que de mais seletos havia. Saíam daí deslumbrados não só pela presença agradável da jovem senhora, como pela audácia da sua inteligência de primeira água e ainda mais... um horror para aquele tempo!... por ousar a ilustre dama falar em abolição e em federalismo (SABINO apud OLIVEIRA, 2015, p. 31).

Nesse mesmo ano de 1849, a filha de Nísia, Lúvia, caiu de um cavalo e o médico após semanas de tratamento sugere que o mais aconselhável para sua total recuperação seria uma mudança de ares. Em 2 de novembro, na galeria francesa *Ville de Paris*, Nísia e seus filhos iniciam a viagem à Europa. A pressão e críticas que a escritora sofria no Brasil nesse período eram consideráveis e se comentava que a doença da filha foi um pretexto para ela se ausentar do país e em 24 de dezembro Nísia chegou a Paris na França.

É publicado em Niterói o que foi considerado pelos historiadores o primeiro romance escrito por uma norte-rio-grandense, corria o ano de 1850. No mesmo ano o filho da educadora adoece e viaja com ele para *Bourg-la-Reine*, no interior de Paris, a procura de um médico especializado.

Chegado o ano de 1851, Nísia assiste a uma conferência de Augusto Comte, com quem mais tarde estabeleceria uma significativa amizade. No mesmo ano, a escritora resolve sair da França e viajar pela Europa e se dirige a Portugal onde ficara por seis meses. Em 27 de fevereiro, desde Lisboa volta para Brasil.

No ano de 1853, publica a sua polêmica obra, *Opúsculo Humanitário* e agita novamente a sociedade oitocentista:

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado  
– emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta  
na capital do Império de Santa Cruz, clamando:  
educais as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados!  
Governo, que vos dizeis liberal!  
Onde está a doação mais importante dessa civilização,  
desse liberalismo? (FLORESTA, 1989a, p 43).

Essa obra é voltada à luta contra ao preconceito e erros seculares da história educativa da mulher no mundo. A autora expõe a condição da mulher trabalhadora oprimida devido à falta de acesso à educação e também divide a sociedade brasileira em duas classes: a rica e a pobre.

Nísia, através do seu contato na Europa com intelectuais, como Augusto Comte, recebeu a influência do Positivismo, da Filosofia da Ilustração, do Idealismo romântico, e do Utilitarismo:

Como representante da filosofia ilustrada, Rousseau elaborava um projeto de modelo de cidadania, parecia tão preocupado com a igualdade de direitos quanto desinteressado, visivelmente, em criar um espaço para a participação das mulheres na esfera pública. Como desdobramento, por sua vez, do pensamento iluminista, o ideal romântico da feminilidade independente viu nos poderes do amor um paradigma para a reforma político-social. (...) Antes do advento do Utilitarismo (1820–1826), Comte publicou os *Opuscules de Augusto Comte* que representariam a primeira etapa de suas obras e é improvável que seja mera coincidência a repetição do termo no título do *Opúsculo Humanitário* de Nísia Floresta. Com efeito, já por volta de 1851 se havia estabelecido a familiaridade da autora com Comte, quando, durante sua primeira permanência de três anos em Paris, havia assistido a uma das conferências do filósofo francês (...). Ao voltar à Europa em 1856 presenteou a Comte com uma cópia do seu

*Opúsculo*, assim apreciado por ele numa carta a Pierre Lafitte, datada de setembro de 1856<sup>15</sup> (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 22).

A escritora que se debate entre as quatro correntes filosóficas vigentes no século XIX, na obra *Opúsculo humanitário* (1853), acaba revelando seu pensamento em uma mistura de elementos de todas elas. Destaca seu posicionamento sobre a mulher dedicada à família ao modo do Romantismo e da Ilustração, mas ao mesmo tempo tentava libertar-se dos paradigmas mais tradicionais dessas mesmas correntes de pensamento. Uma contradição que segundo apontava Augusto Comte<sup>16</sup> já era deduzida nos hábitos do século XVIII que a própria Nísia Floresta manifestava, embora mostrasse interesse pelas ideias positivistas:

Do positivismo e do utilitarismo a escritora incorporou a sua crítica: por exemplo, a ideia de utilidade, o conceito de ser a natureza feminina igual à do desenvolver e aproveitar a habilidade intelectual da mulher para edificar uma sociedade melhor e fortalecer as relações familiares. Tais ideias, em verdade, constituem a base propostas para a sociedade brasileira no *Opúsculo humanitário*. Nada a surpreender, em consequência, que a opção abolicionista, republicana, indianista e feminina de Floresta fosse assacada por seus críticos conservadores como uma acusação contra ela (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 28).

Mas, Nísia não defendia uma filosofia determinada, sua vida estava voltada para a elevação social e intelectual das mulheres e a defesa dos grupos minoritários da sociedade oitocentista, sem pretensões políticas.

A escritora incansável nos seu cometido, no ano de 1855, lança no *Jornal Brasil Ilustrado* de 14 de março a 30 de junho, em oito capítulos a crônica, *Páginas de uma vida obscura* retratando a vida de um negro escravo e os pensamentos de repúdio da própria autora sobre a escravidão conforme deixa transparecer em suas páginas:

A escravidão (...) foi sancionada pelos mesmos homens, que tudo haviam sabido sacrificar para libertar-se do jugo de seus opressores, e assumirem a categoria de nação livre! Eles, que

---

<sup>15</sup> “Desde que fiquei inteiramente livre, fiz as leituras excepcionais que espontaneamente prometera. O opúsculo em português, além de revelar-me que eu sabia indiretamente mais uma língua, inspira-me sólidas razões para esperar que se torne a nobre dama, sua autora, dentro em breve, uma digna positivista, susceptível de alta eficácia para a nossa propaganda feminina e meridional” (SHARPE-VALADARES, 1989, p. 23).

<sup>16</sup> Numa carta ao Dr. Audiffrent de 29 de março de 1857.

acabavam de conquistar a liberdade, não coravam de rodear-se de escravos! (FLORESTA, 1855, p. 12).

Segundo Duarte (2008, p. 100), parece ser que Nísia Floresta foi uma das primeiras mulheres no Brasil a se manifestar publicamente contra o sistema escravocrata, ao lado de Maria Firmina do Reis (1825–1917).

Através, ainda, da sua obra *Páginas de uma vida obscura* (1855), percebe-se a intenção da escritora em fazer refletir ao seu leitor sobre o problema do escravo se sensibilizando, e até mudando de opinião, com o que a sociedade considerava então normal em relação à escravidão.

Mas a resistência que a sociedade escravocrata fazia era intensa. Além de que segundo várias análises de letrados, da época, como foi o Padre Antônio Vieira (1608–1697), defendia-se a legitimidade da escravidão sob o argumento de que através do cativo os negros atingiriam a salvação de Cristo:

Tais ideias pertencem, ao saber cristão-medieval, mas neste caso alinham-se na versão dos Padres de Igreja e dos apóstolos, muito próxima a filosofia estoica. É a interpretação da escravidão como virtude, resignação ou sacrifício em favor da alma. Na ênfase à igualdade dos homens perante Deus ou na visão da alma como livre (desde que infensa ao pecado), impõe-se o desdém pela escravidão terrena (VAINFAS, 1986, p. 97-98).

Ideias, argumentos que ainda perduraram durante anos na sociedade oitocentista difíceis de revogar.

Em 25 de agosto do mesmo ano – 1855 – a mãe da Nísia, D. Clara Freire, morre deixando a escritora desolada. E, quiçá, a modo de se recuperar do luto, Nísia se inicia em atividades voluntárias assistindo vítimas da febre amarela na Enfermaria do Hospital de Nossa Senhora da Conceição. Europa, desta vez acompanhada somente da sua filha Lívia. No seu apartamento Parisiense, Nísia costumava reunir vários de seus amigos intelectuais, inclusive o próprio Comte, a quem admirava pelas suas ideias. Comte e Nísia durante esse período mantêm uma correspondência de 13 cartas.

As cartas da brasileira enviadas para ele estão na Maison D'Auguste Comte, em Paris. O conteúdo das cartas trata basicamente de questões pessoais de ambos: recomendações do filósofo à saúde de Lívia Augusta, filha da escritora, os pêsames de Nísia Floresta pelo aniversário da morte de Clotilde de Vaux, companheira de Comte, e outros assuntos como esses. A troca de correspondências durou do

início da amizade até a morte dele, em 1857, um ano depois de terem se conhecido pessoalmente (Projeto Memória, 2006).

E seja aqui, quiçá, neste contexto de amizades que se possa encontrar a chave para entender como a autora conseguiu publicar suas obras em um ambiente tão hostil para a mulher.

Nísia passou 28 anos em terras estrangeiras, com apenas dois retornos à pátria. Em seu exílio voluntário, Nísia vai percorrer países e mais países, publicar livros e, principalmente, relacionar-se com alguns dos principais intelectuais, cientistas e aristocratas do velho mundo. Como Alexandre Herlucano, Antonio Feliciano de Castilho, Luis Filipe Leite, Mazoni, Azeglio, Giuseppi Garibaldi, Ettore Marcucci, Duvernoy, Parlatore, Braye Debuysé, George Sand, o velho Dumas, entre outros, mas dentre todos estes importantes relacionamentos o que se torna mais conhecido foi o que manteve com Auguste Comte (DUARTE, 2002, p. 19).

O primeiro contato de Nísia com Comte foi em 1851 quando ela assistia a uma conferência no *Auditorio Palais Cardinal*, do Curso de História da Humanidade ministrado por Comte, na divulgação das suas teorias. Mais tarde, ela se aproxima do filósofo e inicia uma amizade cordial e respeitosa, pontuada de visitas e de mútua admiração, que vai durar até a morte de Comte, no ano seguinte. E no ano de 1857, quando Comte vem a falecer, em 5 de setembro, a escritora será uma das quatro mulheres que acompanharam o cortejo fúnebre até o *Peré Lachaise*.

Duarte (2002) aponta que na duodécima confissão Anual, de outubro de 1856, Comte anotou o primeiro contato com a brasileira:

Em agosto, devo inicialmente registrar meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração de espírito e de caráter, todos indícios de uma preciosa discípula, se eu puder transformar um pouco seus hábitos metafísicos (DUARTE, 2002, p. 19).

Nísia, apesar das adversidades, sempre focada nos seus escritos, publica nesse mesmo ano (1857) a obra *Itinéraire d'un Voyage em Allemagne*<sup>17</sup>, assinado Mm. Floresta A. Brasileira.

---

<sup>17</sup> “Outro livro, e de viagem, não de outra imperatriz, mas de uma senhora patricia nossa. *Trois ans en Italie* é o título, veio-nos da Europa onde se acha a autora, a Sra. Nísia Floresta Brasileira Augusta”. (Machado de Assis, 10 de julho de 1864).

Em forma de correspondência dirigida ao seu filho e aos irmãos que residiam no Brasil, este livro de “memórias, sob a forma de cartas”, como aponta Duarte (1995, p. 267), relata a primeira excursão que a escritora realizou ao país de Goethe, passando pela Bélgica e interior da França entre agosto e setembro de 1856 (DUARTE, 1998).

Desde a morte da sua mãe, no ano anterior, a depressão dominava o ânimo da escritora e um dos objetivos da viagem foi principalmente procurar consolo para sua tristeza.

A morte impulsionou-a para as viagens, que por sua vez conduzem-na de volta à vida (DUARTE, 1998).



**Figura 6.** Capa do livro *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*, 1857.  
**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

Transcreve-se, aqui, um trecho da primeira carta deste livro, que revela o estado e os sentimentos da autora nesse momento da sua existência. Destaca-se como interessante nesta leitura a seguir, a análise ou interpretação que pode ser feita ao respeito do amor à família que a escritora demonstrava e do reconhecimento à atividade intelectual como fonte prioritária na sua vida.

Bruxelas

26 de agosto de 1856

Caro filho e irmãos do meu coração,  
O mês de agosto, que (sabem vocês) é tão funesto à minha felicidade, pela tríplice perda que imprimiu em minha existência, começou, este ano, mais triste e doloroso que nunca. O coração confrangido, o espírito sempre abatido pela dilacerante recordação da morte da

melhor das mães, eu via aproximar-se o primeiro aniversário do dia que a roubou à minha ternura.

Vocês haviam pensado que Paris exercia em mim sua costumeira magia. Pois bem, reví-a com indiferença; tornou-se me monótona e quase insuportável, à medida que o triste aniversário se avizinhava. O abalo cruel que sacudiu todo o meu ser moral mantém-me ainda incapaz de apreciar, como outrora, a vida intelectual de que se frui nesta Atenas moderna.

Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências. Importava-me, enfim, ver uma terra-tipo, cujo aspecto sério e respeitável se impusesse a meu espírito pela riqueza de sua natureza, pelo passado grandioso e pelos costumes ainda patriarcais de seu povo. Vocês veem naturalmente que me decidi pela velha e poética Alemanha, a digna pátria de Leibnitz e Kant (...) (FLORESTA, 1998, p. 38).

Nísia refletia sobre a utilidade das viagens do ponto de vista também cultural e científico, porém não se esquecia de nomear e ressaltar que seu coração estava no Brasil:

Observar o mundo é uma grande ciência; analisar e comparar os costumes, os usos, os diversos graus de civilização dos povos, é o melhor estudo que o viajar pode propiciar. Mas, agora que este estudo seja feito com ordem e algum proveito, é necessário, antes de tudo, que o espírito esteja calmo e que o coração não gema a mais de 2.500 léguas da cara pátria que encerra a metade de sua vida (FLORESTA apud DUARTE, 1995, p. 293).

No ano seguinte – 1858 –, a escritora continuará viajando, desta vez, pela Itália<sup>18</sup> e lançará mais uma publicação que não passará despercebida no estudo das suas obras: *Consigli a mia figlia* (1858), traduzida ao italiano pela mesma autora e publicada na cidade de Florença. A obra é recomendada pelo bispo de Mandovi para uso nas escolas de Piemonte. E, em 1859, será publicada em francês, *Conseils à ma Fille*:

*Conselhos a minha filha, Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta e Abismo sob as flores da civilização.* Tais escritos, intimamente ligados à questão educacional pretendem transmitir ensinamentos através de exemplos de conduta considerados ideologicamente positivos, ao mesmo tempo em que condenam outros por serem prejudiciais à sociedade (DUARTE, 2008, p. 215).

---

<sup>18</sup> Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, Torino, Livorno, Pádua, Mântua, Pisa, Montebasilio e Mandovi. (DUARTE, 1995).

Com 50 anos, Nísia se estabelece em Florença onde tem a chance de fazer cursos de botânica. No meio tempo, em Florença, publica a edição italiana de *Le lagrime de un caeté*, traduzido por Ettore Marcucci com prefácio da autora.

No ano de 1861, a escritora decide voltar a morar na cidade francesa – Paris –, após três anos de ausência. Aparece um verbete mencionando à autora no *Dicionário Bibliográfico de Inocência*, no volume IV (1862), e foi o primeiro de outros que lhe seguiram. Nísia a estas alturas já era uma renomada escritora na Europa.

A obra *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (1864) foi publicada pela E. Dentu, de Paris, assinado “par une Brésilienne”<sup>19</sup>. Aqui, a autora expõe uma discussão política e social sobre as questões que a Itália enfrentava na época da revolução pela independência, período em que Nísia visitou o país, e convida à reflexão sobre o modo de vida, a história e as manifestações culturais da Itália.

Observa-se aqui a utilidade que a escritora dava aos atos da sua vida, sempre visando sua produtividade intelectual. Uma viagem que poderia ter sido de prazer, ela o convertia em uma experiência cultural e o transformava depois em uma obra de história contemporânea póstuma.

E continuando com sua produção intelectual, Nísia no ano de 1867, publica em Londres a tradução inglesa *Woman*, traduzido do italiano (Donna)<sup>20</sup> por Lívia, sua filha.

Neste romance, mostra-se uma descrição do ambiente em que as personagens encontram uma criança que estava sendo criada no campo por uma ama de leite de aluguel:

Um úmido aposento, sem ar, com um assoalho de pedras disformes cobertas de lodo; uma janela, ou melhor, um buraco, jogava como que uma réstia de luz sobre os sujos e velhos móveis que entulhavam aquela caverna humana, onde a panela do domingo fervia na enegrecida lareira. Uma cama, cujo escuro baldaquino ornava com o restante dos objetos espalhados aqui e ali, anunciava a desordem e a falta de qualquer asseio. A eira lotada de pútrido estrume tresandava, não menos que o quarto contíguo, um odor incômodo impossível de sustentar... As duas mulheres entreolharam-se sem que pudessem dizer palavra (Projeto Memória, 2006).

---

<sup>19</sup> Permanece a dúvida se teriam existido duas edições (1861 e 1864).

<sup>20</sup> Configura-se em uma mistura de ficção, ensaio, crônica e texto didático, em que Nísia Floresta analisa a influência de uma formação moral adequada nas atitudes das mulheres adultas e condena radicalmente as amas de leite de aluguel (Projeto Memória, 2006).

Também no mesmo ano são publicados em Paris os romances *Parsis e Le Brésil*, obras também traduzidas por Lívia. Nesta fase da sua vida, a escritora se sente incômoda e insegura em Paris pelos conflitos políticos e a abandona junto à filha.

Em 23 de maio de 1872, a revista *O Novo Mundo*, de J. C. Rodrigues, de Nova Iorque, divulga ainda mais a personalidade da autora, quando traz uma ampla notícia biográfica da escritora junto a seu retrato. E ainda, no mesmo ano dirige-se a Londres, depois a Lisboa para embarcar, novamente para o Rio de Janeiro. Lívia, desta vez, decide permanecer na Europa e a despedida de mãe e filha é muito difícil. Em 31 de maio de 1872, após dezesseis anos no exterior, Nísia Floresta chega ao Rio de Janeiro onde ficou até 1875 retornando à Europa no dia 24 de março.



**Figura 7.** Nísia em 1875, quando retorna para a Europa.

**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

Joaquim Pinto Brasil, o irmão de Nísia, falece no dia 9 de novembro de 1875, no Rio de Janeiro, mas a educadora somente recebe a notícia semanas depois. Ela nunca iria ao longo da sua vida esquecer-se desses fatos como nos mostra neste trecho da sua obra *Fragmentos de uma obra inédita: Notas Biográficas*<sup>21</sup> quando é informada:

---

<sup>21</sup> “Esse livro, apesar de conter principalmente informações a respeito do irmão, Joaquim Pinto Brasil, traz também dados biográficos da autora, até então desconhecidos” (DUARTE, 2008, p. 27).

(...) quando eu menos esperava (cruel surpresa que já atingira quando da morte de outros entes queridos de minha família), ele se foi, este irmão tão eternamente amado! Ele se foi, ah! E antes de mim! Eu que, deixando-o desta vez, estava quase convicta de precedê-lo na grande, na eterna viagem! (FLORESTA, 2001, p. 28-29).

A escritora dedica ao irmão, nesta obra várias páginas onde destaca suas virtudes intelectuais, seu espírito independente, sua entrega aos deveres e a coragem de atenuar as fadigas do trabalho pelo próprio trabalho. Destaca a nobre resignação que teve durante 40 anos de sofrer as consequências de um funesto casamento realizado aos 16 anos e a entrega à família.

Nísia enfrentou a morte de entes queridos várias vezes ao longo da sua vida, a primeira quando tinha somente 18 anos e seu pai foi assassinado e, agora com 65 anos, a dor da perda do irmão não parecia diferente segundo nos revelam suas letras.

A escritora com 68 anos de idade – 1878 – lança o que será seu último trabalho *Fragments d'un ouvrage inédit – Notes biographiques, en Paris, por A. Cherié Editeur*. Chegado o ano 1878, Nísia transfere-se para Rouen, uma cidade medieval do interior da França, e, em seguida, para Bonsecours e sete anos depois, no dia 24 de abril de 1885, numa quarta-feira de muita chuva, às 21 horas, Nísia Floresta Brasileira Augusta morre vítima de uma pneumonia. Dias depois, é enterrada num jazigo perpétuo no Cemitério de Bonsecours (DUARTE, 2008, p. 27).



**Figura 8.** Bonsecours, onde a escritora falece em 1885.  
**Fonte:** Projeto Memória, 2006.

E até aqui, apresenta-se a breve biografia de uma mulher que fez história, mas que a história não reconheceu durante décadas, como será aprofundado no próximo capítulo deste trabalho dedicado à sua memória.

Esta foi a biografia de uma mulher intelectual, autodidata e multifacetada, que enfrentou e agitou uma sociedade feita por e para homens em pró do desenvolvimento intelectual das mulheres.

Uma mulher cujo exemplo de vida perdurará no tempo e no espaço da história feminina, e por que não? Que também prevalecerá no pensamento de mulheres que como eu, hoje, nesta madrugada fria de julho em pleno século XXI, desde esta pátria que me adotou, digito minha dissertação de mestrado para apresentá-la em breve numa entidade acadêmica que, por sua vez, brindou-me com seu espaço e o direito de me instruir. “Lhe sou grata, Mm. Nísia Floresta, pois você faz parte dessa possibilidade e da minha própria história intelectual”.

## 4. O SILÊNCIO EM TORNO À MEMÓRIA DE NÍSIA FLORESTA

*Na tradição filosófica, e também no modo de pensar comum, a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência, pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido.*  
– Paolo Rossi, 2010.

### 4.1. Memória e esquecimento

Pesquisar Nísia Floresta é um contínuo descortinar de revelações. As suas histórias, verdades e trajetórias ressurgem a cada passo dado quando se aventura pelo seu universo, em busca dos mistérios da autora (CAMARA, 2001). Poucos sabem da existência de brasileira Nísia Floresta, que foi silenciada ao longo da história deste país, por lutar contra preconceitos, defender a liberdade, tomar as rédeas de sua própria vida e romper com modelos de educação que domesticavam e acomodavam meninas e moças nos oitocentos.

De fato, a história e a obra de Nísia são de uma importância rara. “Infelizmente, a falta de divulgação da obra de Nísia tem sido responsável pelo enorme desconhecimento de sua vida singular e de seus livros considerados de grande valor”, diz Veríssimo de Melo (1974).

Hoje em dia, a compreensão dos termos memória e esquecimento, aplicados às personalidades e a conservação de patrimônios culturais são importantes para as ciências sociais. A memória é, hoje, tema de interesse vasto e crescente nestas áreas e longe de ser estudada como uma mera condição biológica dá lugar a alternativas tornando-se sinônimo da disciplina de História. A maior parte dos pesquisadores enfatiza que para uma melhor compreensão dos fenômenos humanos e sociais é importante o estudo de conceitos como memória e esquecimento. Le Goff (2003) afirmava que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”.

Neste contexto, a memória se constituiu como estratégia de caráter social e sociológico e passa a ser estudada concomitantemente à disciplina de História. Estas duas grandes áreas são objeto de reflexões teóricas e de trabalhos de campo, aplicadas a resgates de acontecimentos históricos, patrimônios culturais e personalidades que de outra forma estavam destinadas ao esquecimento e ao silêncio.

Voltando no tempo, na tradição aristotélica se refletia sobre memória e esquecimento, como apresenta Rossi (2010):

A memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence, a mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada. Voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma: quem rememora “fixa por ilação o que antes viu, ouviu ou experimentou e isso, em substância, é uma espécie de pesquisa; diz respeito somente a quem possui capacidade deliberativa, porque deliberar também é uma forma de ilação” (ROSSI, 2010, p.15-16).

Nessa mesma linha de pensamento, Borges, citado por Candau (2016), inspirado em Aristóteles e Santo Agostino, dizia “prestes a desaparecer no passado no momento mesmo em que anuncia o futuro, o presente está condenado a agonizar desde o momento em que acontece” (CANDAUI, 2016). Desta forma, podemos considerar que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado e que para reconstruí-la e mantê-la precisa-se que cada indivíduo participe, simultaneamente, em vários campos, seja desde a perspectiva da memória individual como da coletiva. Halbwachs (2006), na sua obra “A Memória Coletiva”, afirma que ambas as memórias se implicam reciprocamente.

A questão é que quando um povo silencia ou deixa congelada no tempo personalidades como a de Nísia Floresta, há anos de história que serão destinados a um mutismo, a certa destruição cultural:

tal como apontava o escritor Venezuelano Fernando Báez, especialista em memoricídios, existe uma cultura da destruição e é um erro atribuído na história a homens ignorantes, mas grandes silenciamentos foram realizados por filósofos, eruditos e escritores. Lembrando que no século XVII, a Inquisição mandava queimar obras e pressionava escritores com ideias fora do padrão permitido pela Igreja (SÁNCHEZ, 2015, p. 96).

Em geral, todos querem ser lembrados e, por isso, o mundo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória. Algumas dessas imagens como acontece nos cemitérios, lembram-se das pessoas que não existem; Alguns monumentos remetem-se ao passado e assim o discurso da

memória e do esquecimento se apresenta já muito antigo e ao mesmo tempo sempre presente.

De diferentes maneiras, vários foram “os silêncios” impostos à Nísia, sobretudo, o que envolve a família e sua infância, na então cidade de Papari. Na década de 1960, alegando falta de espaço, a prefeitura do município de Nísia Floresta decide-se pela destruição de vários documentos referentes ao século passado (PROJETO MEMÓRIA, 2006, p. 63).

Candau (2016) aponta que a ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece insustentável. A partir desta afirmação, pode-se dizer, então, que é possível chegar à eliminação das memórias e da história? Existem âncoras expandidas pelo mundo destas memórias: os museus – práticas históricas de longa data na humanidade. Mas o que acontece, quando esses museus não cumprem com a função de proteger os patrimônios culturais e manter viva a memória dos que representam deixando-os cair no esquecimento?

#### 4.2. Visita a Nísia Floresta

No mês setembro de 2016 foi realizada uma visita cultural ao museu de Nísia Floresta e ao seu túmulo e conferiu-se que em uma época de empoderamento da mulher tão forte e abrangente, uma das pioneiras do feminismo no Brasil e na América Latina não tem sua história preservada e valorizada com o devido cuidado. Durante esta visita ao município de Nísia Floresta, foram tomadas algumas fotografias como forma de documentá-la.



**Figuras 9 e 10.** Frente e lateral do Museu de Nísia Floresta, no Município de Nísia Floresta, RN, Brasil.



**Figuras 11 e 12.** Entrada ao chamado circuito: Útero das mulheres



**Figuras 13 e 14.** Útero das mulheres e Sala de leitura.



**Figuras 15 e 16.** Biblioteca do Museu Nísia Floresta e Entrevista realizada com funcionária do Museu.



**Figuras 17 e 18.** Obras e documentos referentes a Nísia Floresta expostos em vitrine sem segurança e Estado geral das Janelas do Museu.



**Figuras 19 e 20.** Lateral e frente do túmulo de Nísia Floresta, Município de Nísia Floresta, RN.



**Figura 21.** Túmulo de Nísia Floresta mostra plantas descuidadas, Município de Nísia Floresta, RN.

Observou-se durante esta visita que a memória da pontiguar Nísia Floresta sofre de um descaso significativo na sua própria cidade de origem, inclusive perto do aniversário de nascimento da escritora, dia 12 de outubro.

Fazendo um pouco de história e estatística, lembra-se que o município de Nísia Floresta foi criado pela lei nº 242, de 18 de fevereiro de 1852, quando o povoado desmembrou-se de São José de Mipipibu, tornando-se município com o nome de Vila Imperial de Parari. Em 1º de fevereiro de 1890, após a proclamação da República, passou a chamar-se Vila de Papari. Em homenagem à sua filha mais ilustre, mudou seu nome, em 1948.

Duas são as explicações que o povo da região dá para o nome de Papari: um vem de a cesta usada para apanhar os muçuns, peixes abundantes nas muitas lagoas da região, ou também se relaciona ao som que os peixes faziam nas águas.

Segundo dados do IBGE (2005), a população total estimada é de 22.239 habitantes, dos quais, segundo o Censo (2000), 51,10% são do sexo masculino e 48,90% do sexo feminino. Desse total, 45,60% vivem na área urbana e na área rural estão 54,60%. Ao todo, 74,20% dos habitantes são alfabetizados.

As principais atividades econômicas são agropecuária, pesca, extrativismo e comércio. Nísia Floresta está em 32º lugar no estado e em 3.518º lugar no Brasil, num total de 5.561 municípios. Seu índice de desenvolvimento humano - IDH – é de 0,666 (PROJETO MEMÓRIA, 2006, p. 7).

Primeiramente, visitou-se o Museu de Nísia Floresta situado na Praça Cel. José de Araújo, 135, no mesmo município de Nísia Floresta e o atendimento foi realizado pela única sua funcionária, Micherlânia Souza, que abriu as portas, para uma recepção feita com um amplo sorriso no rosto, mostrando as instâncias do museu.



**Figura 22.** Recebimento da funcionária do museu de Nísia Floresta.

Observa-se que o local está mal cuidado e que não conta na sua biblioteca com obras da autora para consulta. O museu dispõe apenas de publicações para serem vistas em uma vitrine, que por outra parte surpreendentemente não possui nenhuma segurança e pode ser aberta por qualquer pessoa. A mesma vitrine também contém documentos originais anunciando a chegada do corpo de Nísia Floresta ao município que foram lançados desde aviões da época.



**Figura 23.** Cartaz produzido no Rio de Janeiro pelo artista Rubens quando a chegada dos restos mortais de Nísia floresta ao Brasil em 1954.

O cartaz teve uma reprodução de 10 mil miniaturas que foram lançados de avião sobre o município com o intuito de divulgar a chegada dos despojos à sua primeira morada sítio Floresta. Quem foi testemunha deste fato foi a menina que hoje já uma senhora de idade mora com suas filhas e netas do lado do túmulo de Nísia em uma casa que existe desde a época.



**Figura 24.** Testemunha da chegada dos restos de Nísia Floresta desde França.

E foi assim, que relatou a proprietária da casa vizinha ao túmulo de Nísia, uma mulher de idade que viu tudo isso acontecer quando ainda era criança e hoje se pergunta como é possível que o túmulo daquela célebre mulher vinda da Europa não seja lembrado por ninguém, a não ser por algum estrangeiro que para seu carro e fica na frente do monumento tirando fotos e, algum deles, até chorando da emoção.

Nísia é reconhecida na França, na Inglaterra, na Suécia. E aqui no Brasil? Questiona-se qualquer pesquisador que adentre na sua história. Museu e túmulo em condições precárias, lâmpadas quebradas, plantas descuidadas com espinhos que precisam ser podadas para não furar os visitantes e ninguém **“faz esse serviço”, como a própria vizinha nos relatou.**



**Figura 25.** Lâmpadas quebradas no túmulo da escritora potiguar e falta de pintura.

É isso o que chamamos de patrimônio Cultural? A neta da proprietária vizinha do túmulo explicava que ainda não entende porque o Museu de Nísia não foi construído do lado do seu túmulo, segundo ela, faria muito mais sentido. E, por outro lado, percebe-se no museu a falta de recursos.

Depois desta visita, infere-se que a preservação da memória e dos patrimônios culturais é uma questão muito atual e que provoca discussões e pesquisas, mas que, sobretudo, há muito ainda a ser feito para amenizar os descasos. Uma das tentativas para amenizar esse silêncio e esquecimento da personalidade de Nísia foi o Projeto Memória 2006: Nísia Floresta – Uma mulher à frente do seu tempo –. Um almanaque histórico organizado por Paulo Corrêa Barbosa e com a colaboração da FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, PETROBRAS E REDEH.

Como resultado dessa visita também conseguimos contatar com a professora e amiga de Constância Lima Duarte, Diva Cunha que nos propicio a oportunidade de realizar uma entrevista no Jornal “Tribuna do Norte” sobre a questão da memória de Nísia e do seu patrimônio Cultural.

Essa entrevista foi lida por Constância Lima Duarte e propiciou um posterior contato pessoal com ela que facilitou o esclarecimento de algumas questões sobre a pesquisa. Como resultado da entrevista no jornal, também, o próprio diretor do museu entrou em contato com a mídia e com nós e foi ainda feito um debate na “TV Cultura” do município sobre a nossa visita e a situação do patrimônio de Nísia Floresta.



**Figura 26.** Entrevista realizada pelo Jornal “Tribuna do Norte” sobre a nossa Visita

### **4.3. Entrevista à funcionária do Museu Nísia Floresta**

No dia 20/09/2016 às 11h00 foi realizada uma visita ao Museu de Nísia Floresta no Município de Nísia Floresta em Natal, RN, Brasil, encontro que se estendeu até às 13h00.

A seguir, o registro da nossa entrevista com a funcionária Micherlândia Souza:

LAURA: Bom dia, estamos aqui no museu da Nísia Floresta, e a Micherlândia Souza que é a funcionária e se denomina a si mesma como “pau para toda obra” se ofereceu gentilmente a nos responder umas perguntas.

Nós estamos na Biblioteca e eu gostaria de saber, Micherlândia, você falou que essa biblioteca era comunitária, que não empresta livro, mas que faltam cuidados nesses livros aqui, por exemplo, que se eu chego aqui e pergunto para você: “Quais são os livros referentes à temática da Nísia Floresta, você não saberia me dizer, certo?”

MICHERLÂNDIA: Certo.

LAURA: Então que pessoa que me poderia falar onde estão estes livros? Essas pessoas estão aqui de vez em quando?

Micherlândia: Estas pessoas agora não estão... Estão na quinta-feira, o coordenador e a coordenadora; eles estão aqui e podem dar essa resposta para a senhora.

LAURA: e você acha que, além de uma pessoa que organize os livros por temática, os livros que tem aqui na biblioteca do museu da Nísia Floresta outro tipo de cuidado você sente falta no museu? Com os materiais do museu... Por exemplo, aqui no museu tem

materiais relacionados à Nísia Floresta? Algum artefato que pertenceu a Nísia tem alguma coisa nesse sentido?

MICHERLÂNDIA: Não, não tem. É muito difícil, porque quando vieram os restos mortais dela, as coisas dela pessoais ficaram todas na França. Quando tinha o governador, que não me lembro do nome dele, quando trouxe os restos mortais dela, foi a maior dificuldade para trazer só os restos mortais dela.

LAURA: Certo.

MICHERLÂNDIA: E as coisas aqui dela ficaram todas lá na França.

LAURA: Tem algum museu na França... você sabe se existe algum museu com esses objetos da Nísia?

MICHERLÂNDIA: Não sei também. Assim, falavam muito sobre a filha dela que tinha as coisas dela, a Lívia, mas não tinha como mandar, e fazia muito tempo que aqui queria abrir museu e nunca as autoridades... aí veio outra pessoa que a ele chamam de forasteiro, para fazer o museu aqui da Nísia Floresta.

LAURA: Essa pessoa forasteira era da Europa?

MICHERLÂNDIA: Não, aqui do Rio Grande do Norte mesmo.

LAURA: Perfeito.

MICHERLÂNDIA: É o Raimundo Melo, que é meu coordenador, ele que toma conta aqui do museu. Junto com uma ONG que é a CECOP\*, que dá toda a estrutura aqui do museu, o recurso do museu é todo da CECOP. Aqui nós temos é... CECOP é uma ONG que toma conta aqui do nosso museu e paga meu salário, paga as despesas, água, luz, nós só não pagamos o aluguel do prédio. Ele é obrigação da prefeitura pagar.

LAURA: Porque provavelmente o museu se criou a partir de um patrimônio cultural da cidade, não é? Aí então a prefeitura teve que doar o local.

MICHERLÂNDIA: Antes aqui era a secretaria da Educação.

LAURA: Certo.

MICHERLÂNDIA: Já que o meu coordenador procurava uma casa para abrir um museu, e a casa mais antiga era essa daqui. Aí, com bastante democracia, ele pediu para o Juiz.

LAURA: Quantos anos desde que surgiu a ideia de abrir o museu até se concretizar a abertura, quantos anos se passaram?

MICHERLÂNDIA: Bastante tempo. Eles falaram que iam abrir um museu e nunca abriram, aí teve que vir outra pessoa de outra cidade para fazer força e abrir o museu.

LAURA: E hoje você está aqui desde o início que o museu foi aberto, aqui firme e forte? Inclusive você abriu as portas para nós hoje quando estava quase fechando.

Como você vê o interesse da cidade com o museu? Eles valorizam a memória da Nísia? Valorizam o museu? Como é que você vê isso?

MICHERLÂNDIA: Eles não valorizam o museu, não. A gente abre três vezes na semana terça, quarta e quinta. Só não abrimos a semana toda porque a gente não tem patrocínio. Porque assim para a gente limpar esse museu... se eu chegar aqui 7 horas da manhã, só vou sair daqui 2 horas da tarde. Aí tem transporte que eles me dão 2 reais todo dia para vir, daí para eles virem só um dia na semana... Aí fica assim, como a gente trabalha pelo governo, o governo que dá o carro para eles virem, e não é todo dia, se fosse todo dia, seria muito bom. Mas se as autoridades aqui da nossa cidade se interessassem e colocassem um pessoal da prefeitura para trabalhar ... tudinho... Mas, não ajuda em nada. Quando precisa de qualquer coisa, é uma dificuldade.

LAURA: Estrangeiros de fora do Brasil já visitaram o museu?

MICHERLÂNDIA: Já.

LAURA: Que tipo de pessoas? De que países, você lembra?

MICHERLÂNDIA: Da Inglaterra, Istambul, França, Itália, Portugal, sempre quando estamos abertos aqui... mês retrasado veio um pessoal de Istambul para cá.

LAURA: E eles avisam que vão chegar?

MICHERLÂNDIA: Avisa tudinho. Principalmente quando vêm muitos, 20 a 30 pessoas que vêm para passeio aqui no Rio Grande do Norte, em Natal, e diz em uma agência “Quero conhecer o museu Nísia Floresta”. Aí eles ligam, a gente faz a fichinha – Que dia? Que horas? ...

LAURA: Você acha que esse pessoal que vem de fora, no seu ponto de vista, eles conhecem mais a história da Nísia Floresta que o povo daqui da cidade?

MICHERLÂNDIA: Sim, com certeza! Quando vêm muito... Teve um casal de turistas que chegou aqui e ficou emocionado. Disseram: “Olha, nós vimos na internet, e disse a gente vai para o Rio Grande do Norte só para conhecer o museu da Nísia Floresta”. Chegou aqui se admirou, não tem muita coisa sobre a Nísia, mas se admiraram muito. E disse assim: “Até parece que estou vendo ela aqui falando algumas palavras”. Aí ela se arrepiou todinha e começou a chorar; aí ela disse: “Você é Nísia Florestense?” “Sou natalense, vim para cá com 10 anos de idade com meu pai e com minha família de natal para cá, mas eu me considero como uma Nísia Florestense.

LAURA: Micherlândia, você já leu algum livro sobre Nísia Floresta escrito pela Constância Lima Duarte?

MICHERLÂNDIA: Já, tem bastante ali, na sala a amarela, os livros da Constância expostos na vitrine.

LAURA: E hoje em dia qual é a real utilidade deste museu? Ele realmente serve para quê?

MICHERLÂNDIA: O museu Nísia Floresta serve para atender o público, principalmente as escolas municipais e estaduais e damos oficinas.

LAURA: Que tipo de oficina?

MICHERLÂNDIA: Cultural. Boi de Reis, capoeira, temos um pouco de roda, que são os idosos que dançam, temos pastoreio e todas assim, quando o IBRAM tem alguma comemoração como nós vamos entrar agora, ia fazer hoje mas não deu tempo de eles virem, mas a décima primavera de museus. Abrimos, fazemos o evento que dura 2 dias. Não é um museu, assim tem muita gente que diz, o museu só guarda coisas velhas. Aqui é um museu vivo, que todo mundo chega, todo mundo se admira, vem bastante gente; admiram o nosso trabalho e falam também um pouco assim sobre a prefeitura “Por que a prefeitura não ajuda vocês?”; “Por que a prefeitura não faz isso para melhorar o museu?”.

LAURA: E o túmulo da Nísia Floresta, porque não está no museu, ou porque o museu não está perto do túmulo da Nísia Floresta?

MICHERLÂNDIA: O museu, como ele queria uma casa antiga, e lá perto onde tem o túmulo, tem casa antiga sim, mas ninguém queria se desfazer, simples, mas também antiga. E também se fosse para construir o museu ia custar muito caro e a CECOP não tinha dinheiro para pagar, como essa aqui era mais antiga, aí resolveram fazer aqui. Iam fazer lá na Estação Papary, mas a estação Papary alugaram, a prefeitura alugou, que eu nunca vi um patrimônio público ser alugado para outra pessoa tomar conta, para fazer um restaurante, que poderia lá abrir outra coisa mais da cultura como da Nísia Floresta. E o túmulo lá, ficou lá porque a Nísia Floresta morou lá, ao lado, que ali até hoje a gente chama de Sítio Floresta, não mudou de nome.

LAURA: E quem cuida do túmulo?

MICHERLÂNDIA: Eu digo que como eles chamam de Mausoléu, é o mausoléu que toma conta, sei que eles só vão lá, dão uma pintadinha e pronto, aí tem o canteiro que tá

cheio de mato, ninguém liga, quando completar dia 12 de Outubro, aí vão lá e dão uma pintadinha para dizer que lembrou de Nísia Floresta.

LAURA: O que as pessoas aqui da comunidade falam da Nísia Floresta? Que opinião elas têm formada sobre ela? Pode falar?

MICHERLÂNDIA: Falam tanta coisa feia... (pausa.....)

LAURA: Pode falar, por favor,

MICHERLÂNDIA: Chamam ela de prostituta, de mulher da vida, que ela não era homem, as coisas que ela fazia, no tempo dela, ela não podia fazer porque eram coisas de homem.

LAURA: E por que a chamam de prostituta?

MICHERLÂNDIA: Porque diziam que depois que ela deixou o primeiro marido dela, ela foi casada obrigada, né? Ela deixou o primeiro marido dela e depois foi viver Manuel Augusto.

LAURA: Por isso que a chamavam de prostituta, por que ela morou com um homem sem casar? Porque naquela época aquilo era escandaloso, né?

MICHERLÂNDIA: É.

LAURA: Você acha que isso foi um dos motivos pelo qual ela pensou em ir para a Europa fazer as suas coisas?

MICHERLÂNDIA: Depois que ela se separou do marido dela e foi morar com os pais, depois conheceu Augusto, mas antes disso, os pais dela saíram daqui da cidade para morar em Goiania e em Pernambuco, porque aqui o pessoal a criticava e jogava coisas nela, aí foi mais por causa de ameaça, aí ficava aqui... aquele povo mais antigo ficava criticando o que ela fez, aí eles foram para lá.

LAURA: Ela frequentou alguma escola aqui nessa localidade?

MICHERLÂNDIA: Não.

LAURA: Nem quando era pequena?

MICHERLÂNDIA: Não. A história que eu sei, ela nunca foi para uma escola, ela aprendeu de forma autodidata.

LAURA: Muito Obrigada Micherlandia, ajudou muito seu depoimento. Você gostaria de falar alguma coisa?

MICHERLÂNDIA: Sim, gostaria sim, que o pessoal da nossa cidade, principalmente os políticos, olhar para esse nosso museu que se não tivesse o meu coordenador Raimundo Melo a frente, nunca teria aberto o museu aqui nessa cidade, que sempre ficava só no

papel e nunca ajudaram em nada. Queria que eles olhassem, visse um pouco da cultura da nossa cidade, que tem tanta cultura bonita, tanta coisa bonita que tem aqui na nossa cidade. Que nenhuma cidade do Rio Grande do Norte tem 27 lagoas como a gente tem.

LAURA: E se você pudesse melhorar alguma coisa nesse museu, que realmente seja prioritária, o que seria?

MICHERLÂNDIA: Mudar?

LAURA: Ou integrar um tipo de funcionário específico...

MICHERLÂNDIA: Colocaria uma pessoa responsável pela biblioteca

LAURA: Um historiador, por exemplo?

MICHERLÂNDIA: É, por que muitos vêm aqui, mas gostam muito de criticar. Tem muitos que querem ajudar, ajudam e depois criticam.

LAURA: Que tipo de crítica?

MICHERLÂNDIA: Que não vai para frente, falta material. Às vezes vem escolas fazer contação de histórias na sala de leitura. Tem vezes que não vem nenhuma escola pra cá, mas tem vezes que chega aqui 50, 60 alunos, aí tem que ficar lá, tem que se virar. Fica trinta lá na frente, aí tem a metade que fica contando as histórias, e a gente tem que se virar, e outra, mais trinta fica lá na sala de vídeo, assistindo vídeos culturais, curta-metragem que nós mesmos fazemos aqui no museu. Tem sempre gente que chega aqui, ou Auxiliadora, Pinguinho de Gente, as escolas de Natal, as escolas particulares sempre estão aqui no museu participando, aí é mais o pessoal de fora que vem. Aí quer fazer uma apresentação, tem que chegar na escola aí ela faz, “estamos disponibilizando aqui de 15 a 20 alunos numa sala”, eles não disponibilizam. “Não porque isso não pode sair da sala de aula para ir para o museu; Fazer o quê no museu?”

LAURA: Vocês dão aula de idiomas aqui?

MICHERLÂNDIA: Não

LAURA: E oficinas sobre a história da Nísia Floresta?

MICHERLÂNDIA: Não, a gente dá oficina de dobradura, tem também xilogravura, aí tem também o pessoal que dá oficina de fotografia, e dá aula de áudio visual.

LAURA: Você acha ou pensa em algum momento que o museu corre risco de ser fechado por falta de manutenção?

MICHERLÂNDIA: Sim, é que a ONG não é só uma ONG... e também tem bastante projeto na ONG né? Não é só o museu Nísia Floresta; tem em Caicó, Currais Novos - Negros do Riacho, aqui em Natal; e meu coordenador... ele ... a ONG sobrevive de...

como é que se diz... ele faz projetos, ele ganha... daí vem aquele dinheiro, aí ele vai ajudando, ele ajuda nosso museu com os projetos, se ele não tiver projeto, e ele não tem dinheiro.

LAURA: E a faculdade aqui da cidade não ajuda o museu?

MICHERLANDIA: Não.

LAURA: Está certo, Micherlândia.

MICHERLANDIA: Agora vamos ali para outra sala.

LAURA: Isso. Vamos para a outra sala, muito obrigada.

Nesta entrevista, pode-se verificar e interpretar o conceito de memória, analisando vários momentos de sua realização.

Quando a funcionária relata que não há livros de Nísia Floresta na biblioteca, verifica-se a dificuldade do próprio museu em preservar e divulgar a memória da própria Nísia, a falta de recursos e o apoio de entidades responsáveis.

Infere-se durante a entrevista como as memórias são expandidas no espaço e no tempo, quando a funcionária nos relata que uma pessoa da Turquia visitou o museu sabendo da existência da Nísia, sendo que aqui poucos brasileiros a conhecem. Como esses visitantes tiveram acesso à memória da Nísia? Foi pela internet? Através de algum livro? Como a sua memória, neste caso, atingiu-lhes?

Outro fator que vale ressaltar é quando a funcionária relata em um tom bem baixo e com um ar de vergonha, que ainda as pessoas do município se referem à autora Nísia como sendo uma prostituta. Como é possível que no século XXI se repita uma atitude pela sua pessoa do século XIX? Em tese, os tempos mudaram, os conceitos mudaram, a sociedade mudou. O que mostra esse fato em termos de estudos de memória? Essas são questões que convidam a novas pesquisas e trabalhos que seguiram em desenvolvimento.

Nota: O Museu de Nísia Floresta, fundado em 28/03/2012, é resultado do processo seletivo do Programa Mais Museus (IBRAM/MinC). O projeto é uma iniciativa do Centro de Documentação e Comunicação Popular - CECOP – e conta com a parceria da Paróquia de N. Sra. do Ó, da Prefeitura Municipal de Nísia Floresta, da Secretaria Estadual de Educação, do Pontão de Cultura e Comunicação e da Casa Brasil. A ONG CECOP, mesmo com escassez de recursos, conseguiu criar e manter o Museu de Nísia Floresta, atendendo aos anseios da população e de pesquisadores que há muito

esperavam por este espaço. Além disso, mesmo não tendo o acervo da própria Nísia Floresta, homenageia a escritora potiguar realizando, nesse local, eventos com enfoque educativo, resgatando a visão nisiana de cuidar e educar os jovens.

## CONCLUSÕES

A presente dissertação teve por objetivo problematizar a realidade feminina no século XIX, a partir da vida e da obra da educadora Nísia Floresta, considerada, pelos estudos de gênero, uma das primeiras feministas brasileiras. Desse modo, o prisma desta pesquisa incidiu sobre a mulher oitocentista versus uma sociedade de alicerces profundamente patriarcais que a impediam de revelar-se como pessoa com livre arbítrio e, de uma forma mais específica, o trabalho aprofundou essa questão do ponto de vista de uma mulher que almejava manifestar sua intelectualidade.

Assim no primeiro capítulo, mergulhou-se na compreensão de mulher intelectual quando esta não era nem considerada pela Historiografia até chegar a Escola dos Annales, que foi pioneira na inserção da mulher na história. Podendo-se inferir que, a historiografia não contemplou o gênero feminino como objeto de estudo e em consequência existiu um silêncio e uma invisibilidade das mulheres ao longo da história. Em consequência, as mulheres deixavam poucas marcas escritas e algumas delas usavam pseudônimos masculinos.

O século XIX destacou-se principalmente por conter grandes e decisivas transformações de ordem política, social e econômica e no capítulo dois, abordou-se o contexto histórico da mulher nesse contexto. Conferindo-se que a dominação do gênero masculino sobre o feminino era um fato e que a sociedade confinava à mulher às tarefas do lar e a uma vida privada, enquanto que o homem se dedicava à vida pública. Já no capítulo três aborda-se a biografia da Nísia Floresta, escritora ainda desconhecida para a maioria dos brasileiros. A autora se revela como verdadeira lutadora dos direitos das mulheres e dos mais desfavorecidos em um tempo em que a mulher não tinha opinião nem manifestação pública.

Nísia teve a “ousadia” de abrir uma escola para meninas no Rio de Janeiro que rendeu não poucas críticas pelo nível de ensino que oferecia para o gênero feminino. Escreveu obras polêmicas e apresentou conferências no Brasil e na Europa defendendo o direito à intelectualidade feminina.

Finalmente, no capítulo quatro se propõe uma reflexão sobre a memória e o silenciamento desta autora brasileira no seu próprio país. E se conclui que a preservação das memórias estão intimamente ligadas aos patrimônios culturais e que quando apagamos uma história, uma memória, nosso passado também é silenciado.

E, desta forma, ao chegar ao final deste trabalho, percebe-se como se uma longa viagem pelo século XIX tivera sido feita desde o coração e a mente de uma mulher, mas não de uma mulher qualquer. Uma mulher com inquietudes não conformada com uma vida submetida ao lar como os cânones que a época ditavam. Essa mulher, Nísia Floresta estava sensibilizada com a educação das mulheres e com as causas dos mais desfavorecidos do seu tempo. Nossa protagonista já mostrou desde o início da sua adolescência um temperamento sub generis, quando com 13 anos casou com um homem mais velho que ela e o abandonou em pouco tempo, voltando à casa dos seus pais. Não conformada com as regras, procurava priorizar seus sentimentos e valores. Voltada ao estudo e tendo como exemplo seu pai, lia todo livro que caía em suas mãos, tentando entender o mundo além do permitido as mulheres.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

ARENAL, Concepción. **Obras completas de D<sup>a</sup>. Concepción Arenal**. Tomo 4. La mujer del porvenir. La mujer de su casa. Madrid, 1895. Disponível em: <[http://sirio.ua.es/libros/BEducacion/obras\\_completas\\_de\\_concepcion\\_arenal\\_t\\_4/ima0113.htm](http://sirio.ua.es/libros/BEducacion/obras_completas_de_concepcion_arenal_t_4/ima0113.htm)>. Acesso em: 18 mar. 16.

ARIES Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada - V3**. Da Renascença Ao Século Das Luzes. Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial, 2012.

BÁEZ, Fernando. **História Universal da destruição dos livros**: Das tabuas sumérias à guerra do Iraque. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Almanaque histórico Nísia Floresta uma mulher à frente do seu tempo**: Projeto memória 2006. Brasília: Redeh; Petrobas; Fundação Banco Brasil, 2006.

BARROS, José D'Assunção. História e saberes PSI – Considerações Interdisciplinares. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.8, n.2, p. 252-285, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/1807-1384.2011v8n2p252/20577>>. Acesso em: 09 out. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

BUARQUE de Holanda, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 - 1989) - A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CASSIRER, Ernst. **A Linguagem e o Mito**: sua Posição na Cultura Humana. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CHARNON-DEUTSCH, L. **Writing in the Shadow of the angel.** en: D.T. Gies (ed.), *The Cambridge History of Spanish Literature*, Cambridge, CUP, (em prensa).

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DE SOUZA, Cássia Regina da Silva Rodrigues. **Periódicos Feministas do Século XIX: Um Chamado à Resistência Feminina.** Disponível em: <[http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812\\_arquivo\\_artigo\\_anpuh2012.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337815812_arquivo_artigo_anpuh2012.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2015.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil.** 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas.** 2ª Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta vida e obra.** Natal. UFRN Ed. Universitária, 1995.

DUARTE, Constância Lima. Introdução. In: FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma Viagem à Alemanha.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta vida e obra.** 2ª Ed. Natal: Editora da EDUFRN, 2008.

DUARTE, Constância Lima. **O olhar de uma viajante Brasileira: Nísia Floresta.** Veredas 3-I (PORTO, 2000)141-148.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Estud. av. v.17 n.49 São Paulo set./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 30 out. 2015.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: Estudo de sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ENCICLOPÉDIA NORDESTE. 2009. Disponível em: <[http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=N%C3%ADsia+Floresta&ltr=n&id\\_perso=1235acesso](http://onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=N%C3%ADsia+Floresta&ltr=n&id_perso=1235acesso)>. Acesso em: 12 jul. 2016.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1995.

FERNANDES, Carlos Antonio. **A mulher na ótica pedagógica e filosófica.** Publicado em: 12/03/2008. Disponível em: <[http://www.paralerepensar.com.br/antoniocf\\_amulher\\_naoticapedagogica.htm](http://www.paralerepensar.com.br/antoniocf_amulher_naoticapedagogica.htm)>. Acesso em: 30 out. 2015.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Sociedade, preconceitos e conquistas**. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1989.

FLORESTA, Nísia. **Páginas de uma vida obscura**. Brasil Ilustrado. 1855. Vol.1.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, Inep, 1989a.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989b.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma Viagem à Alemanha**. Introdução de Constância Lima Duarte. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

FLORESTA, Nísia. **Fragmentos de uma obra inédita: Notas biográficas**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FLORESTA, Nísia. **Cartas Nísia Floresta & Auguste Comte**. Brasília: Editora Mulheres e EDUNISC, 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa grande de Senzala. Lisboa, Livros do Brasil. 1957  
In: \_\_\_\_\_ **Tempo social**. Ver. Sociol. USP. São Paulo, maio 2000.

HAHN, Fábio André. **História Intelectual: Uma nova perspectiva**. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=37>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOUAISS ELECTRÔNICO. 3.0, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro – Sec. XIX**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL; Fundação Nacional Pro memoria, 1984.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu** 15, 2000, pgs.129-143.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LOWENTHAL, Leo. **Literature, Popular Culture, and Society**. Palo Alto: Pacific Books, 1961.

MAIOR, Andrade Souto Valéria. **Josefina Álvares de Azevedo: Teatro e Propaganda sufragista no Brasil do Século XIX**. Disponível em: <[http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525\\_arquivo.pdf](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525_arquivo.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MAQUEDA Abreu, Fabiola. **Del folletín y de la novela corta en femenino 1850-1950**: Lo público en la sala de estar y lo privado en el kiosco. Universidad Complutense de Madrid. 2013. Disponível em: < <http://eprints.ucm.es/18111/1/T34234.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016

MECCACI, Lamb Harré. **Psicologia Dizionario Enciclopedico**. Economica Latezza. Roma, 1983.

MELO, Veríssimo. **Patronos e Acadêmicos**. Editora Pongetti. xxxxx 1974.

MELLO, Bruna R.; COSTA, Cassiano C. da. **Nísia Floresta**: uma breve biografia. 2016. Disponível em: <<https://admbrasileira.wordpress.com/category/mulheres-intelectuais-militantes/nisia-floresta-augusta/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). **História da Literatura, teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

NONATO, Alexandre. **JK e os bastidores da construção de Brasília**. Foz do Iguaçu: Editares, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993.

OLIVEIRA, Alana Lima de. **Direito das mulheres: um enfoque sobre Nísia Floresta e a política da tradução cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela. M.S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PROJETO MEMÓRIA. **Nísia Floresta**: uma mulher à frente do seu tempo. 2006. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/NisiaFloresta>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

RABATÉ. Colette. **¿Eva o Maria? Ser mujer en la época isabelina (1833-1868)**. Ediciones Universidade de Salamanca: Salamanca, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: Seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAFFIOTI, Heleith, I. B. **A mulher na sociedade de classes – Mito e realidade.** Livraria Quatro Artes Editora. São Paulo, 1969.

SÁNCHEZ, Laura. **Lastanosa: memória e história do intelectual e holotecário do século XVII.** Foz do Iguaçu: Editares, 2015.

SANTANA, Natalia. História das mulheres uma entrevista com Rachel Soihet. **Revista de História**, 3, 1 (2011), p. 120-124. Disponível em: <[http://www.revistahistoria.ufba.br/2011\\_1/e01.pdf](http://www.revistahistoria.ufba.br/2011_1/e01.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SHARPE-VALADARES, Peggy. Introdução. In: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário.** São Paulo: Cortez, INEP, 1989.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a15v2754.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Maria Joana. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 27, nº 54, p 281-300. 2007

SOUZA, João Francisco de. **E a educação?:** educação na sociedade e/ou a sociedade na educação. Recife: Bargaço, 2004.

SOWELL, Thomas. **Os intelectuais e a Sociedade.** São Paulo: Realizações Editora, 2011.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil.** Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

THÉBAUD, Françoise. **Écrire l'histoire des femmes.** 2. ed. Fontenay/Saint-Cloud: ENS Éditions, 1998.

UNIVERSIDAD DE LA RIOJA. **Hipatia de Alejandría: Símbolo del pensamiento libre ante la intolerancia.** Disponível em: <<http://www.ehu.es/~mtwmastm/HIPATIA.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão:** os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial. Petrópolis: Vozes, 1986.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na Biografia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo:** Reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

## **ANEXO**

## ANEXO 1

### Bibliografia das obras de Nísia Floresta

Direitos das Mulheres e Injustiças dos homens, por Mistriss Godwin. Tradução livre do francês por Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1ª Edição. Recife: Typografia Fidedigma, 56 p., 1832.

Direitos das Mulheres e Injustiças dos homens, por Mistriss Godwin. Tradução livre do francês por Nísia Floresta Brasileira Augusta. 2ª Edição. Porto Alegre: Reimpresso na Typografia Fidedigma de V. F. de Andrade, 56 p., 1833.

Direitos das Mulheres e Injustiças dos homens, por Mistriss Godwin. Tradução livre do francês por Nísia Floresta Brasileira Augusta. 3ª Edição. Rio de Janeiro: 1839.

Conselhos à Minha Filha, por N. F. B. Augusta. 1ª ed., Rio de Janeiro: Typography de J. E. S. Cabral, 32p.1842.

Conselhos à Minha Filha, com 40 Pensando em Versos. Por N. F. B. Augusta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 40p., 1845.

Fany ou o Modelo das Donzelas. Por Nísia Brasileira Augusta. Em 8 de abril de 1847. 1ª ed. Rio de Janeiro: Colégio Augusto, 1847.

Daciz ou a Jovem Completa. Historieta oferecida a suas Educandas. Rio de Janeiro: Typographya de F. de Paula Brito, 15p., 1947.

Discurso que às suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta, em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 6p., 1847.

A Lágrima de um Caeté, por Tellesila. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 39 p.,1849.

A Lágrima de um Caeté, por Tellesila. 2<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 39 p., 1849.

Dedicação de uma Amiga. (Romance histórico). Por B. A. 2 volumes. Niterói: Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 158 e 160 p., 1850.

Opúsculo Humanitário, Por B. A. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. da Silva Lima, 178 p., 1853.

Páginas de uma Vida Obscura; Um Passeio ao Arqueduto da Carioca. O Pranto Filial. Rio de Janeiro: Typ. de N. Lobo Vianna, 1854.

Itineraire d'un Voyage em Allemagne. Par Mme. Floresta A. Brasileira. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 216 p., 1857.

Consigli a mia Figlia. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 56 p., 1858.

Consigli a mia Figlia. 2<sup>a</sup>. ed. Mandovi: 1859.

Scintille d'um'Anima Brasiliana. Di Floresta Augusta Brasileira. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C. 85p., 1859.

Conseils a ma Fille. Par Brasileira Augusta. Traduit de l'Italien par B. D. B.. Florence: Impr. Du Monnier, 51 p., 1859.

Le Lagrime d'um Caeté. Tradotto da Ettore Marcucci. Firenze: Le Monnier, 1860.

Trois Ans em Italie, Suivis d'um Voyage em Grèce. Par Une Brésilienne. 1<sup>o</sup> vol. Paris: Libraire E. Dentu, 292 p., 1864.

Woman. By F. Brasileira Augusta. Translated from the italian, by Livia A. de Faria. London: Printed by G. Parker, Little St. Andrew Street, Upper. St. Martin's Lane, 1865.

Le Brésil. Par Mme. Brasileira Augusta. Paris: Libraire André Sagnier, 49p., 1871.

Trois Ans en Intalie, Suivis d'un Voyage en Grèce. Par Une Brésilienne. 2° vol., Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871. (ou 1872).

Fragments d'un Ouvrage Inédit: Notes Biographiques. Paris: A. Chérié, Editeur, 111 p.1878.